Estratégia Concursos

Aula 01

TRT-RJ - Passo Estratégico de Português - 2022 (Pré-Edital)

Autor:
Carlos Roberto

10 de Março de 2022

Sumário

1 - Apresentação 3
2 – O que é o Passo Estratégico? 4
3 – Importância do Assunto – Análise Estatística 4
4 – Ortografia 6
4.1 - Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – AOLP 6
4.1.1 - Alfabeto 8
4.1.2- Trema 9
4.1.3 – Hífen 9
4.1.4 - Letras maiúsculas e minúsculas 12
4.2 - Letras e Fonemas importantes 16
4.2.1- Emprego das letras "E" e "I" 16
4.2.2 - Emprego das letras "O" e 'U": 17
4.2.3 - Emprego das letras "C" e "Ç": 18
4.2.4 - Emprego das letras "G" e "J": 18
4.2.5 - Emprego da letra "X": 19
4.2.6 - Emprego do dígrafo "CH" 20
4.2.7 - Emprego da letra "Z" 20
4.2.8 - Emprego da letra "S" 21
4.2.9 - Emprego do dígrafo "SS" 22
4.2.10 - Emprego do "SC" 22
4.2.11 Uso dos "porquês" 23
POR QUE 23
POR QUÊ 23

PORQUE 23

PORQUÊ 23

4.2.12 dado/visto/haja vista 24

4.2.13 – onde/Aonde 25

4.2.14 acerca de/ a cerca de/ cerca de/ há cerca de 25

4.2.15 Mau x Mal 26

5 - Regras de Acentuação gráfica 27

6 – Crase 32

7 - Aposta Estratégica 35

8 - Questões-chave de revisão 36

9 - Revisão Estratégica 59

9.1 - Perguntas 59

9.2 - Perguntas com respostas 60

1 - APRESENTAÇÃO

Olá, servidores. Tudo certo? Iniciaremos, nesta aula, nosso **Passo Estratégico de Português p/ TRT-RJ.** Para mim, trata-se de um curso extremamente especial, pois o encaro como um retorno aos primeiros ensinamentos que obtive sobre a **Língua Portuguesa**.

Trato de revisitar, constantemente, aquelas regras que aprendi na escola, com todos aqueles detalhes que, à época, eram de difícil compreensão. Agora, com um olhar mais crítico, desenvolvi uma relação de amor com o nosso querido vernáculo. Surpreendo-me a cada leitura! O mais interessante é que sempre aprendemos algo novo, mesmo naquele assunto que já estamos cansados de ver.

Agora, teremos a oportunidade de fazer um estudo diferenciado, tendo por base uma **análise estatística** que fizemos para identificar os aspectos mais recorrentes em provas de concursos públicos. É um estudo direcionado e focado, com o fito de otimizar seu tempo e de aperfeiçoar sua estratégia de preparação.

Este material é resultado de muita pesquisa e análise ao longo da nossa trajetória profissional. Há exposições teóricas consistentes, exemplos e, principalmente, questões de prova para que você possa pôr em prática todo o aprendizado. Tudo foi meticulosamente pensado para que você tenha em mãos um excelente material e dê um **Passo Estratégico** rumo à sua aprovação.

Antes de iniciarmos, gostaria de apresentar-me a vocês, servidores.



*Sou o professor **Carlos Roberto**, formado em Ciências Contábeis e Atuariais pela Universidade de Brasília – UnB, pós-graduado em Controladoria Governamental e, também, em Língua Portuguesa (Linguística Aplicada). Durante dez anos (2003-2013), fui servidor do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios – TJDFT e, atualmente, ocupo o cargo de Analista da carreira de Especialista do Banco Central do Brasil – BCB. No **Estratégia Concursos**, sou Professor, Coach e Coordenador dos cursos de **discursivas** e do serviço de **recursos** para provas discursivas.*

Nesses últimos anos de docência, aqui no **Estratégia Concursos**, tenho recebido várias perguntas. Acho curioso quando percebo que são bem próximas daquilo que eu costumava perguntar quando ainda não tinha esta experiência que acumulei ao longo dos anos, seja como aluno ou professor. Por isso, tento responder a todos com entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou sanando as minhas próprias dúvidas.

Este curso será escrito, da primeira à última linha, no tom de quem conversa com alguém que gosta do nosso vernáculo e está interessado em entendê-lo. Amar a nossa Língua Portuguesa e defendê-la no âmbito da Administração Pública não devem ser apenas o cumprimento de um ofício, mas um objetivo de vida de cada um de nós. Conto com vocês nesta missão na qual estamos imbuídos!

#amoraovernáculo

Prof. Carlos Roberto

2 – O QUE É O PASSO ESTRATÉGICO?

O **Passo Estratégico** é um método de revisão, baseado em análises estatísticas, que ajuda o aluno a aprimorar a retenção do conteúdo, com base naquilo que é mais cobrado pela banca específica do concurso.

A diferença do **Passo** para o **Curso Regular** é a didática utilizada. No curso regular, a didática empregada proporciona ao aluno que nunca tenha visto o conteúdo conseguir compreendê-lo no nível que o permita resolver as questões do concurso. Assim, para atingir esse objetivo, os cursos regulares são disponibilizados na forma escrita e em vídeo, numa linguagem mais descritiva. No **Passo Estratégico**, a linguagem utilizada é bem mais direta, porque partimos da premissa de que o aluno já estudou o conteúdo pelo menos uma vez, já que o objetivo é revisar a matéria (e não a aprender, como nos cursos regulares).

É importante frisar que o **Passo Estratégico** deve ser utilizado para auxiliar a revisão, como complemento ao material regular, não em sua substituição. Assim, para uma boa revisão, o aluno deverá utilizar o Passo Estratégico em conjunto com seu material teórico grifado e suas anotações.

Portanto, o Passo Estratégico não deve ser visto como um atalho ao curso regular, não sendo nossa pretensão ser "suficiente" a permitir a aprovação dos alunos. Todavia, em algumas matérias menos extensas e desde que o aluno possua uma boa base no conteúdo, é possível o estudo direto pelo Passo, com a suficiência necessária à aprovação, embora não seja nossa recomendação ou pretensão.

Seu cantinho de estudos famoso!

Poste uma foto do seu cantinho de estudos e nos marque no Instagram:

@passoestrategico

@prof_carlosroberto

Vamos repostar sua foto no nosso perfil para que ele fique famoso entre milhares de pessoas!

Bom, feitos os esclarecimentos, vamos descobrir os assuntos que possuem mais chances de cair na nossa prova?

3 – IMPORTÂNCIA DO ASSUNTO – ANÁLISE ESTATÍSTICA

Com o intuito de fazer um estudo direcionado, de acordo com as especificidades da banca, fizemos um ranking com os percentuais de incidência segregados por assunto, baseando-nos numa amostra de

questões cobradas de 2014 a 2019. Isso nos permite visualizar os assuntos "preferidos" da banca examinadora.

Língua Portuguesa - % de cobrança em provas anteriores (AOCP)	
Classes de palavras; Formação e estrutura das palavras.	**13,90%**
Interpretação de textos.	**9,27%**
Termos da oração.	**4,63%**
Ortografia, Acentuação e Crase.	**4,48%**
Relação de coordenação e subordinação das orações.	**4,00%**
Semântica.	**3,83%**
Palavras "se", "que" e "como".	**3,68%**
Pontuação.	**3,51%**
Coerência e coesão	**3,04%**
Concordância verbal, nominal e vozes verbais.	**2,24%**
Linguagem.	**2,08%**
Tipologia Textual.	**1,76%**
Colocação pronominal.	**1,76%**
Regência nominal e verbal.	**0,96%**
Clareza e Correção	**0,32%**
Tipos de discursos	**0,00%**

Essa tabela mostra a ordem decrescente de incidência dos assuntos, ou seja, quanto maior o percentual de cobrança de um dado assunto, maior sua importância.

Os assuntos **Crase, Acentuação Gráfica e Ortografia** possuem um grau de incidência de **4,48%** nas questões colhidas, possuindo importância **MÉDIA** no contexto geral da nossa matéria, de acordo com o esquema de classificação que adotaremos, qual seja:

% de Cobrança	Importância do Assunto
Até 1,9%	Baixa a Mediana
De 2% a 4,9%	Média
De 5% a 9,9%	Alta
10% ou mais	Muito Alta

4 – ORTOGRAFIA

Pessoal, sabemos que alguns de vocês já estudaram o **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – AOLP** e dominam esse assunto. Se esse for o seu caso, aproveite este tópico para fazer uma excelente revisão. Contudo, a grande maioria dos alunos continua cometendo deslizes em provas discursivas e a nossa intenção é impedir que isso também ocorra com vocês.

Fiz um **levantamento estatístico** dos principais erros em provas discursivas, nos últimos **3 (três) anos**, e verificamos que a principal causa de apenações está ligada ao desconhecimento das novas regras oriundas do AOLP.



Revisaremos cada um dos tópicos apresentados no gráfico acima detalhadamente nesta aula. Assim, para tirar aquele peso da nossa consciência e deixá-lo seguro nesse aspecto, faremos um estudo teórico de cada um deles, a começar pelas principais características do AOLP, com foco na prova discursiva.

Doravante, nenhum aluno nosso vai cometer "vacilos" em provas discursivas relacionados a essas regrinhas, combinado? Vamos a elas!

4.1 - Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – AOLP

Inicialmente, tomemos a conceituação de **Ortografia** utilizada pelo *Prof. Evanildo Bechara (2015)*:

"A ortografia é o sistema de representação convencional de uma língua na sua vertente escrita."

Futuros servidores, a vigência obrigatória do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa passou a valer a partir do dia **1º de janeiro de 2016**. Sua implementação estava prevista para 2013, mas o governo

brasileiro adiou a medida para alinhar o cronograma com o de outros **países lusófonos**[1] e dar prazo maior para a adaptação da população.



Figura 1 - O mundo da lusofonia

O Acordo tem como objetivo unificar as regras do português escrito em todos os países que têm a língua portuguesa como idioma oficial. A tentativa de termos essa unidade de grafia é uma prova que exemplifica a consciência da comunidade lusófona no intuito de estreitar suas relações econômicas, sociais, culturais, geográficas, políticas.

Duas características desse Acordo devem estar claras:



I - Ele é meramente ortográfico, ou seja, restringe-se apenas à língua escrita e não afeta nenhum aspecto da língua falada;

II – Ele não eliminou todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica desses países.

O novo acordo altera a maneira como escrevemos algumas palavras, principalmente no que diz respeito à acentuação e ao uso do hífen, nos quais se concentram a maioria dos erros cometidos pelos candidatos quanto à ortografia. Ele cria dificuldades, pois mexe diretamente com hábitos de escrita que já estão enraizados em todos nós. É, pois, um desafio ao qual teremos de nos dedicar.

Particularmente, gostamos de abordar o conteúdo do **Novo Acordo Ortográfico** nas primeiras aulas do nosso curso, para que você possa produzir os primeiros textos já em conformidade com ele. Certamente, veremos novamente algumas de suas regras ao longo das demais aulas, mas estudá-lo separadamente fará você perceber as grandes novidades introduzidas em nossa querida **Língua Portuguesa**. Lembre-se que as bancas examinadoras são exigentes quanto a esse aspecto, e você não pode perder pontos preciosos por bobeira e desatenção.

---

[1] *Países lusófonos são aqueles que têm como língua oficial a Portuguesa. No total, são oito os países que apresentam essa característica. Seguem em ordem alfabética os membros que formam essa cadeia: Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal (o precursor), São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.*

4.1.1 - Alfabeto

Nosso alfabeto agora tem 26 letras. Uma grande novidade é que foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

- Tudo bem, professor. Poderia nos explicar como usaremos essas letras?

- Claro, meu amigo. Vamos lá?

Usam-se as letras **k**, **w** e **y** em diversas situações:

a) Empregam-se em **abreviaturas e símbolos**, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt), K (potássio), Kr (criptônio), Y (ítrio);
b) Na escrita de **palavras e nomes estrangeiros** (incluindo-se seus derivados): playboy, show, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, frankliniano, taylorista, darwinismo, etc.;
c) O ***k*** é substituído por ***qu*** antes de ***e*** e ***i***, e por ***c*** antes de qualquer outra letra: breque, caqui, faquir, níquel, caulim, etc.;
d) O ***k*** é sempre uma **consoante**, assim como o ***c*** antes do ***a***, ***o***, ***u*** e o dígrafo ***qu*** de quero;
e) O ***w*** substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por ***u*** ou ***v***, conforme o seu valor fonético: sanduíche, talvegue, visigodo, etc.;
f) O ***w*** é uma **vogal ou semivogal** pronunciado como ***u*** em palavras de ***origem inglesa***: watt-hora, whisky, waffle, Wallace, show. É ***consoante*** pronunciado como ***v*** em palavras de ***origem alemã***: Walter, Wagner, wagneriano.
g) O ***y*** é um som vocálico pronunciado como ***i*** com função de ***vogal ou semivogal***: Yard (jarda), yen (moeda do Japão), yenita (mineral).



K, W, Y	**Abreviaturas e símbolos (km, kg, W, K, Kr, Y).** **Palavras e nomes estrangeiros (show, playboy, windsurf, playground)**
K	Substituído por ***qu*** antes de ***e*** e ***i***, e por ***c*** antes de qualquer outra letra (caqui, níquel, breque, caulim).
	Sempre Consoante.
W	Substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por ***u*** ou ***v*** (sanduíche, talvegue, visigodo).
	Vogal ou ***semivogal*** (origem inglesa - whisky, waffle, Wallace); ***Consoante*** (origem alemã - Walter, Wagner, wagneriano).
Y	Som vocálico pronunciado como ***i*** (Yard, yen, yenita)

	Vogal ou ***semivogal***.

4.1.2- Trema

O novo acordo ortográfico trouxe uma grande mudança: nos grupos ***gue***, ***gui***, ***que***, ***qui***, o trema desaparece.

Registro Antigo	**Novo Registro**
argüir	**arguir**
bilíngüe	**bilíngue**
cinqüenta	**cinquenta**
delinqüente	**delinquente**
eloqüente	**eloquente**
ensangüentado	**ensanguentado**
eqüestre	**equestre**
freqüente	**frequente**
lingüeta	**lingueta**
lingüiça	**linguiça**
qüinqüênio	**quinquênio**
sagüi	**sagui**
seqüência	**sequência**
seqüestro	**sequestro**

Ainda há alguma aplicação do trema após o novo acordo?

Sim, o trema permanece apenas em palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Bündchen, Schönberg, Müller, mülleriano.

TREMA	**- Desaparece nos grupos gue, gui, que, qui.**
	- Permanece em **palavras estrangeiras.**
	- Sua ausência **não altera a pronúncia.**

4.1.3 – Hífen

Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por *h*.

Exemplos: anti-humanitário, anti-higiênico, anti-histórico, macro-história, mini-hotel, proto-história, sobre-humano, super-homem, ultra-humano.

Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.

Exemplos: antiético, aeroespacial, agroindustrial, anteontem, antiaéreo, antieducativo, autoaprendizagem, autoescola, autoestrada, autoinstrução, coautor, coedição, extraescolar, infraestrutura, plurianual, semiaberto, semianalfabeto, semiesférico, semiopaco.

O prefixo *co* aglutina-se, em geral, com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por o.

Exemplos: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante.

Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de *r* ou *s*.

Exemplos: autodefesa, anteprojeto, antipedagógico, autopeça, autoproteção, coprodução, geopolítica, microcomputador, pseudomestre, semicírculo, semideus, seminovo, ultramoderno.

Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen.

Exemplos: vice-diretor, vice-almirante.

Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*. Nesse caso, duplicam-se as letras.

- *Exemplos: sociorreligioso, antirrábico, antirracismo, antirreligioso, antirrugas, antissocial, biorritmo, contrarregra, contrassenso, cosseno, infrasson, microssistema, minissaia, multissecular, neorrealismo, neossimbolista, semirreta, ultrarresistente, ultrasson.*

Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal.

Exemplos: anti-inflacionário, anti-ibérico, anti-imperialista, anti-inflamatório, auto-observação, contra-almirante, contra-atacar, contra-ataque, micro-ondas, micro-ônibus, semi-internato, semi-interno.

Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante.

Exemplos: hiper-religioso, inter-racial, inter-regional, sub-bibliotecário, sub-base, super-racista, super-reacionário, super-resistente, super-romântico.

Nos demais casos, não se usa hífen.

Exemplos: hipersensível, hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção, superelegante.

Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante da palavra iniciada por r.

Exemplos: sub-região, sub-raça.

Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante da palavra iniciada por m, n e vogal.

> *Exemplos: circum-navegação, pan-americano.*

Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.

> *Exemplos: superinteligente, hiperacidez, hiperativo, interescolar, interestadual, interestelar, interestudantil, superamigo, superaquecimento, supereconômico, superexigente, superotimismo, superorganizado, superinteressante.*

Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen.

> *Exemplos: além-mar, além-túmulo, aquém-mar, ex-hospedeiro, ex-prefeito, ex-aluno, ex-diretor, ex-presidente, pós-graduação, pré-história, pré-vestibular, pró-europeu, recém-casado, recém-nascido, sem-terra.*

Usa-se o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: açu, guaçu e mirim.

> *Exemplos: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.*

Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.

> *Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.*

Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.

> *Exemplos: girassol, madressilva, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé, passatempo.*



Para clareza gráfica, se ao final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidirem com o hífen, ele **deve ser repetido na linha seguinte** (falaremos disso mais adiante ao detalharmos as **regras de paragrafação**).

Observe:

> *As constantes altas das taxas de juros contribuirão para entrarmos em um ciclo anti-*
> *-inflacionário e retomarmos o crescimento econômico sustentável.*



Prefixo terminado em vogal	**Sem Hífen diante de vogal diferente (autoestima, autoescola, antiaério)**
	Sem Hífen diante de **Consoante diferente** de **r** e **s** (autodefesa, anteprojeto, semicírculo)
	Sem Hífen diante de **r** e **s** (**dobram-se essas leras**) (autorretrato, antirracismo, antissocial)
	Com Hífen diante de **mesma vogal** (arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ondas)
Prefixo terminado em consoante	**Sem Hífen** diante de **vogal** (interestadual, superinteressante)
	Sem hífen diante de **consoante diferente** (intertextual, intermunicipal, supersônico)
	Com Hífen diante de **mesma consoante** (Sub-base, inter-regional, sob-bibliotecária)

Prefixo sub diante de r = Com Hífen (sub-região, sub-raça).
Prefixo sub diante de h = retira-se o h e Sem Hífen (subumano, subumanidade).
Prefixos circum e pan diante de m,n e vogal = Com Hífen (pan-americano, circum-ambiente).
Prefixo co = Sem Hífen mesmo diante da vogal o (coautor, coobrigação).
Prefixo vice = sempre Com Hífen (vice-diretor, vice-campeão).
Vocábulos que perderam a noção de composição = Sem Hífen (girassol, paraquedas, pontapé).
Prefixos ex, sem, além, aquém, pós, pré, pró = Com Hífen (sem-terra, pós-graduação).
Com hífen diante de h (super-homem, anti-higiênico).

4.1.4 - Letras maiúsculas e minúsculas

- **Passam a ser grafadas com inicial minúscula (REGRA NOVA):**

a) Os termos *fulano*, *beltrano* e *sicrano*: "Gosto muito de **fulano**, mas **beltrano** é quem me adora, afirmou **sicrano**.";
b) As titulações: **doutor** Fernando Pessoa, **senhor doutor** Henrique da Silva, **senhora doutora** Juliana Marques, **bacharel** Pedro de Souza, **cardeal** Plínio.
c) É facultado o uso das maiúsculas no caso dos designativos de nomes sagrados: **Santa** (ou **santa**) Luzia, **São** (ou **são**) Judas Tadeu, **Santa** (ou **santa**) Rita, **Santo** (ou **santo**) Agostinho.

- **Permanecem com inicial minúscula (REGRA ANTERIOR REFERENDADA):**

a) Os nomes dos *dias*, *meses* e *estações do ano*: segunda-feira, sábado, janeiro, dezembro, primavera, verão, outono, inverno.
b) As designações dos *pontos cardeais* e *colaterais* quando não usados em abreviaturas ou empregados absolutamente:

- Conheço o Brasil de **norte** a **sul**;
- O vento vindo do **sudoeste** anunciava o temporal.

c) Nomes próprios usados como comuns, por antonomásia[2]: "Era um **dom-quixote** em matéria de defesa da literatura."; "Nem sempre se pode evitar a presença dos **judas** em certas agremiações.";
d) Nomes próprios que se tornaram comuns, ao integrarem vocábulos compostos ou locuções: "Para mostrar que não era um **joão-ninguém**, provocou um **deus nos acuda** no debate sobre meio ambiente.";
e) Substantivos comuns, integrantes de designações de acidentes geográficos: **baía** de Guanabara, **oceano** Pacífico, **estreito** de Gibraltar, **rio** São Francisco;
f) Termos, que não sejam nomes próprios, imediatamente posteriores a dois pontos, quando não integram citação:

"Um traço se destacava na veemência do orador: vigor da loquacidade como compensação do vazio das ideias."

g) Termos situados imediatamente depois de ponto de interrogação e de ponto de exclamação, se até eles o sentido do enunciado está incompleto:

- Ah! **quem** há de entender o teu silêncio?
- Quem é você? **dizei**-me.
- O que é isso? **o** que foi que aconteceu?

➢ **Admitem grafia opcional, com inicial maiúscula ou minúscula:**

a) As designações de domínios do saber, cursos, disciplinas:

Língua Portuguesa (ou língua portuguesa), Matemática (ou matemática), Ciências Sociais (ou ciências sociais);

b) As categorizações de logradouros públicos, templos, edifícios:

Avenida (ou avenida) Atlântica, Largo (ou largo) do Pelourinho, Praça (ou praça) da Paz.

c) Nos títulos de livros, o primeiro elemento continua grafado com maiúscula e os demais vocábulos, excetuados os nomes próprios, admitem a grafia com minúscula ou maiúscula inicial:

---

[2] ***Antonomásia*** *é uma figura de linguagem caracterizada pela substituição de um nome por outro nome ou expressão que lembre uma qualidade, característica ou um fato que o identifique de alguma forma.*

- *Memórias Póstumas de Brás Cubas (ou Memórias póstumas de Brás Cubas);*
- *Árvore do Tambor (ou Árvore do tambor);*
- *Capitu – Memórias Póstumas (ou Capitu – memórias póstumas);*
- *Vidas Secas (ou Vidas secas);*
- *Viagens na Minha Terra (ou Viagens na minha terra).*

➢ **Continuam com inicial maiúscula, uma vez que, em relação a tais normas, antes adotadas, o AOLP não propõe mudanças:**

a) As designações dos pontos cardeais, quando em abreviaturas ou quando empregadas absolutamente:

- *N (norte), N.E. (nordeste), N.O. (noroeste), S (sul), O (oeste);*
- *Nordeste alagado, Sul assolado pela seca: contrastes atípicos na realidade brasileira;*

b) Os nomes próprios de qualquer natureza (pessoas, religiosos, lugares): *João, Maria, Policarpo Quaresma, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Jeová, Alá, São Paulo, Porto Alegre.*

c) Os termos que começam as frases:

- *O aluno do Estratégia Concursos estudará com afinco, passará no concurso e dará um belo presente ao professor.*

d) Facultativamente, os pronomes que se referem a Deus e à Virgem Maria:

- *Confia em Deus. Ele (ele) não desampara os que têm fome e sede de justiça;*
- *Ó gloriosa Mãe de Deus, estende Sua (ou sua) mão aos desamparados.*

e) As designações:

- de conceitos religiosos, sociológicos e políticos, quando não empregados em sentido geral:

o O futuro do **País** é inadiável;

o O bem-estar do povo é preocupação do **Estado**.

- de períodos históricos: a Idade Média, o Oitocentos, o Renascimento, o Romantismo, o Modernismo;
- de datas: o Sete de Setembro, o 1º de Maio;
- de atos: a Lei Áurea, a Proclamação da República, o Descobrimento do Brasil;
- de festas relevantes: Dia dos Pais, Natal, Ano-Novo, Dia das Crianças;
- de obras: a Teoria da Relatividade, *a Vênus de Milo, a Divina Comédia;*
- de periódicos, em itálico: *Folha de S. Paulo, O Globo, Veja, Jornal do Brasil;*
- de leis, decretos, portarias, quando em documentos ou correspondências **oficiais**: *Decreto-Lei nº, Portaria nº, Lei nº.*

Obs: Fora do âmbito oficial, usam-se minúsculas:

- O último **decreto** presidencial aprovou o aumento dos servidores públicos.
- No âmbito da administração pública, só é permitido fazer o que a **lei** determina.



Na primeira citação de uma lei (serve para outros documentos) em um texto discursivo, deve-se escrevê-la com a inicial maiúscula. Se, ao longo do texto, houver nova menção a essa mesma lei, emprega-se a inicial minúscula:

> *"**A Lei nº 8.112/1990** dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. **Essa lei** especifica as formas de provimento dos cargos na administração pública."*

f) Reduções de substantivos, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou referência: Sr. (senhor), Sr.ª (senhora), V.Exa. (vossa excelência);
g) Expressões de reverência, tradicionalmente de uso protocolar e restrito: Vossa Alteza, Sua Alteza, Vossa Santidade, Sua Santidade;

> Fala-se com a pessoa = Vossa.
>
> Fala-se da pessoa = Sua.

- *Vossa Excelência está infringindo as regras do plenário.*
- *Sua Excelência o ministro Gilmar Mendes justificou aos jornalistas as mudanças na Constituição Federal.*

h) Substantivos comuns, quando usados como próprios, por individualização ou animização:

- Jesus Cristo disse: "Eu sou o **Caminho**, a **Verdade** e a **Vida**.";
- A **Fé** conduz meus passos pelas trilhas da vida;
- Fernando Pessoa é **Poeta Maior** da literatura Brasileira.

i) As palavras arbitrariamente valorizadas com maiúscula, para efeito expressivo, sobretudo em textos literários:

"A flor que exalava a essência **Dela** transparecia o **Amor** incondicional."

j) As palavras que, no vocativo das cartas, objetivam realçar o destinatário, por deferência, respeito ou consideração:

- Prezado Amigo,
- Caríssima Amiga,
- Mestre e Amigo,
- Prezado Professor,

- Querida Amiga,

Observação: após esses vocativos (vocativos enunciativos), é facultado o uso de dois pontos em vez da vírgula:

- Prezado Amigo:
- Caríssima Amiga:
- Mestre e Amigo:
- Prezado Professor:
- Querida Amiga:

k) Siglas, símbolos ou abreviaturas: ABNT, UNESCO, FIFA, VOLP.

4.2 - Letras e Fonemas importantes

Servidores, entraremos agora em um assunto extremamente cansativo e cheio de regrinhas "decorebas" que, certamente, não há ser humano neste mundo que possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Nosso vocabulário é absorvido ao longo da vida, e não em uma simples aula cheia de tabelas. Certamente nosso material será uma boa fonte de consulta e pesquisa para você sanar suas dúvidas, mas é indispensável que você faça leituras de qualidade, periodicamente, para que se livre dos problemas ortográficos. Dessarte, oriento vocês a revisarem o assunto abaixo com o intuito de "sanar dúvidas", e não de simplesmente "decorar".

4.2.1- Emprego das letras "E" e "I"

Certamente, o emprego das letras "e" e "i" causa bastantes dúvidas em nosso cotidiano. Fiquem atentos às suas utilizações com o intuito de evitar equívocos ortográficos.

Usa-se a letra "i":	Exemplos
1) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em "AIR", "OER" e "UIR".	cai, sai, corrói, atribui, possui, constrói, dói.
2) No prefixo "anti", o qual indica "oposição, ação contrária".	anti-horário, anti-infeccioso, antídoto, antimoral, antissepsia.
3)Na conjugação dos verbos terminados em "IAR".	variar (vario, varias, varia, variamos, variais, variam), assobiar (assobio, assobias, assobia, assobiamos, assobiais, assobiam), abreviar (abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam).
4) Nas terminações em "ANO", que significa "relativo a", aplicando-se um "I" como vogal de ligação.	camoniano, darwiniano, machadiano, freudiano, ciceroniano, açoriano. **Exceção:** quando o vocábulo termina em "E", é rigor a sua manutenção: Ageu-ageano, Arqueu-arqueano, Galileu-galileano, Daomé-daomeano.

Usa-se a letra "e":	Exemplos
1) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe".	dispõe, mãe, cirurgiães, alemães, compõem, cães, jargões, peões.
2) No prefixo "ante" que indica "anterioridade".	antessala, anterreforma, anteontem, antediluviano, antecâmara.
3) Na conjugação dos verbos terminados em "OAR" e "UAR".	abençoe (abençoar), perdoe (perdoar), magoe (magoar), atue (atuar), continue (continuar), efetue (efetuar).
4) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de diversos verbos.	caem, saem, destroem, arguem, possuem, constituem.
5) No prefixo "des" que significa "oposição, negação, separação".	descortês, desleal, desobediente, desigual, desarmonia, desamor, descascar.

4.2.2 - Emprego das letras "O" e 'U":

Servidores, a forma de diferenciar palavras que são escritas com "o" ou com "u" é simplesmente conhecendo as palavras que podem gerar dúvidas. Mais uma vez insisto em dizer que uma boa leitura diária é o melhor remédio para acabar com os erros ortográficos. Na tabela abaixo, disponibilizo os principais vocábulos que podem gerar dúvidas. Leiam-nos atentamente para fixarem a grafia escorreita[3].

Escreve-se com "O" e não com "U".	abolição, abolir, agrícola, amêndoa, amontoar, aroeira, assoar, bobina, boate, bochecho, boteco, botequim, bússola, chacoalhar, cobiça, cochicho, coelho, comprido, comprimento (extensão), costume, cortiça, coruja, êmbolo, encobrir, engolir, engolimos, esmolambado, espoliar, focinho, goela, lobisomem, lombriga, mocambo, mochila, moela, moleque, molambo, moringa, mosquito, névoa, nódoa, óbolo, polenta, poleiro, polir, ratoeira, sapoti, silvícola, sortir (abastecer), sortido (variado), sotaque, toalete, tocaia, tostão, tribo, vinícola, zoada.
Escreve-se com "U" e não com "O"	abulia, acudir, anágua, bueiro, bônus, bruxulear, bugalho, buliçoso, bulir, burburinho, camundongo, chuviscar, cumbuca, cumprimento (saudação), cumprimentar, cúpula, curinga, Curitiba, curtir, curtição, cutia (animal), curtume, cutucar, embutir, entupir, estripulia, esbugalhar, escapulir, fuçar, íngua, jabuti, juazeiro, légua, manusear, muamba, mucama, mulato, murmurinho, mutuca, pirulito, rebuliço, sanduíche, sinusite, suar (transpirar), supetão,

[3] Escorreita: correta, perfeita.

	surripar, tábua, tabuleiro, tulipa, urticária, usufruto, virulento, vírus.

Há algumas palavras na Língua Portuguesa que podem ser escritos com o ditongo "ou", mas também com o ditongo "oi". Estejam atentos a elas, pois, apesar da estranheza, podem aparecer na sua prova:

açoite	açoute	**afoito**	afouto
besoiro	besouro	**biscoito**	biscouto
coice	couce	**coisa**	cousa
doido	doudo	**doirar**	dourar
dois	dous	**estoiro**	estouro
loiça	louça	**loiro**	louro
oiço	ouço	**oiro**	ouro
tesoiro	tesouro	**toiro**	touro

4.2.3 - Emprego das letras "C" e "Ç":

Empregam-se o "C" ou "Ç" em:	Exemplos:
Em vocábulos de origem tupi ou africana.	açaí, araçá, Iguaçu, Moçoró, paçoca, caçula, cacimba, babaçu, caiçara, Paraguaçu, Piracicaba, muçum, miçanga, Pajuçara, Moçambique, Juçara, puçá, piracema, Piraçununga.
Em palavras de origem latina terminadas em "t".	ato (ação), abster (abstenção), adotar (adoção), distinto (distinção), marte (marcial), torto (torção), isento (isenção), extinto (extinção), executor (execução).
Em muitas palavras de origem árabe.	açafrão, acicate, açucena, açude, muçulmano, alface, açúcar.
Os verbos terminados em "TER" formarão substantivos com "TENÇÃO".	abster (abstenção), ater (atenção), conter (contenção), deter (detenção), reter (retenção).
Nos sufixos "AÇA", "AÇO", "AÇÃO", "ECER", "IÇA", "IÇO", "NÇA", "UÇO".	anoitecer, armação, bagaço, cabaça, carcaça, carniça, caliça, chouriço, criança, festança, dentuça, estilhaço, noviço, ricaço, magriço.
Após alguns ditongos.	fauce, feição, foice, louça, traição, beicinho, caiçara, precaução, traiçoeiro, bouçar, calabouço, coice.

4.2.4 - Emprego das letras "G" e "J":

Se criássemos um "ranking" com as letras que mais causam dúvidas, certamente as letras "G" e "J" seriam as primeiras. Isso acontece, pois os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, levando-nos a ter dúvidas e, consequentemente, cometer alguns equívocos.

Usa-se a letra "G":	Exemplos

1) Nos sufixos "agem, igem, ugem, ege, oge".	aragem, malandragem, fuligem, miragem, vertigem, ferrugem, sege, paragoge, frege, micagem, viagem. **Exceções: lajem, pajem, lambujem.** **Atenção! Usa-se o "G" no substantivo viagem, mas no verbo viajar e em seus derivados se emprega a letra "J".**
2) Nas terminações "ágio, égio, ógio, úgio".	adágio, pedágio, estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio, Remígio, fastígio, necrológio, colégio, subterfúgio, naufrágio, plágio.
3) Nos verbos terminados em "GER e GIR".	eleger, proteger, fingir, frigir, impingir, mugir, submergir.
4) Na maioria dos vocábulos iniciados pela vogal "A".	agente, agiota, ágio, agir, agitar, agitação, agenda. **Exceção: ajeitar, ajuizar, ajeru, ajesuitar.**
5) Nos vocábulos que derivam de palavras grafadas com "G".	exigir (exigência), infringir (infringência), impingir (impingem), tingir (tingido), afligir (afligem).

Usa-se a letra "J":	Exemplos
1) Em muitas palavras de origem latina.	jeito, cereja, majestade, hoje, lájea, jeira.
2) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani.	beiju, caju, jerimum, Ubirajara, jeribá, jenipapo, pajé, mujique, jiboia, jirau, jê, maracujá, jequitibá, jerivá.
3) Nos vocábulos que derivam de palavras grafadas com "J".	laranja (laranjeira), manjar (manjedoura), viajar (viajei), rijo (enrijecer), gorja (gorjeta), encorajar (encorajem).
4) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "jar".	arranjar (arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem), despejar (despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem).

4.2.5 - Emprego da letra "X":

Usa-se a letra "X" após:	Exemplos
1) Ditongos	queixo, caixa, eixo, frouxo, ameixa, peixe, trouxa, baixo, paixão, eixo, rebaixar, encaixar. **Exceções:** recauchutar e seus derivados (recauchutagem, por exemplo).

2) "En"	enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxoval, enxurrada, enxugar, enxaguar, enxerto. **Exceções:** paralvras iniciadas por ch que recebem o prefixo en: encher (de cheio), encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
3) "Me"	mexicano, mexer, mexerico, mexilhão, mexa (verbo). **Exceção:** mecha (substantivo).
4) "La"	laxante, laxismo, laxativo, laxista, laxo.
5) "Li"	lixa, lixo.
6) "Lu"	luxo, luxúria.
7) "Gra"	graxa
8) "Bru"	bruxa, bruxelas
9) Origem africana ou indígena e nas inglesas aportuguesadas	xavante, xingu, capixaba, caxumba, abacaxi, xucro, xingar, xampu, lagartixa.

4.2.6 - Emprego do dígrafo "CH"

Usa-se o dígrafo "CH" em:	Exemplos
1) Em palavras de origem latina, francesa, espanhola, italiana, alemã, inglesa e árabe.	chave, cheirar, chumbo, chassi, chiripa, mochila, espadachim, salsicha, chope, checar, sanduíche, azeviche.
2) Em palavras cognatas[4].	pichação (piche), chaveiro (chave), enchente (encher), chamariz (chamar).
3) Após na, en, in, on, um.	inchaço, concha, pechincha, anchova, gancho, preenchimento. **Observação:** na maioria das palavras com en, usa-se X: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxoval, enxurrada, enxugar, enxaguar, enxerto.
4) Após os sufixos acho, achão, icho, ucho.	gorducho, riacho, barbicha, bonachão, papelucho, rabicho.

4.2.7 - Emprego da letra "Z"

Usa-se a letra "z" em:	Exemplos:
1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos.	fraqueza (fraco), grandeza (grande), palidez (pálido), rapidez (rápido), surdez (surdo), escassez (escasso), baixeza (baixo).
2) Nos sufixos "izar" formador de verbos a partir de substantivos e de adjetivos não terminados em "S".	fiscalizar (fiscal), capitalizar (capital), universalizar (universal), harmonizar (harmonia), civilizar (civil), modernizar (moderno).

[4] A palavra cognata deriva do latim *cognatus*, cujo significado é "parente, relacionado, ligado ou semelhante".

	Observações: i. Os substantivos derivados de verbos com o sufixo "ização" também são escritos com "z": suavização (suavizar), formalização (formalizar), idealização (idealizar), colonização (colonizar); ii. Se a última sílaba do vocábulo for escrita com "s", acrescenta-se tão somente o sufixo "AR": alisar (aliso), pesquisar (pesquisa), analisar (análise); iii. **Exceção**: catequizar (catequese).
3) Nos verbos terminados em "uzir" e nas suas conjugações:	produzir (produz, produzia, produziria), conduzir (conduzirá, conduziu, conduz), deduzir (deduzirá, deduziu, deduziria).

Exercício

Quanto à pontuação e à ortografia, está plenamente correta a frase:

Ainda que analizadas apenas esteticamente, muitas obras desses expositores, mereceriam todo o aplauso.

Comentário: o vocábulo "analizadas" está errado. O correto seria analisadas, com "s". Ademais, há outro erro nessa assertiva: há uma vírgula após "expositores" que separa o sujeito (muitas obras desses expositores) do verbo (mereceriam). Veremos, em outra oportunidade, que se trata de uma das proibições do uso de vírgulas.

Gabarito: errado.

4.2.8 - Emprego da letra "S"

Usa-se a letra "s" em:	Exemplos:
1)Verbos com ND formarão substantivos e adjetivos com NS.	Suspender (suspensão), pretender (pretensão), ascender (ascensão), distender (distensão).
2) Verbos com "PEL" formarão substantivos e adjetivos com "PUS"	repelir (repulsão), expelir (expulsão), compelir (compulsão), impelir (impulsão).
3) Formação de adjetivos gentílicos com o sufixo "ense".	parisiense, paraense, paquistanense, rio-grandense, nortense.
4) Após ditongos.	Coisa, lousa, paisagem, pouso, maisena, aplauso, causa, náusea.

5) Na conjugação dos verbos "pôr" e "querer".	quisesse, quisesses, quiséssemos, quisésseis, quisessem; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
6) Nos adjetivos formados a partir de substantivos, cujos vocábulos são formados pelos sufixos "esa, isa, osa, oso, ês".	gostoso, princesa, francês, cheiroso, amorosa, orgulhosa, cortês, poetisa sacerdotisa.
7) Nos sufixos gregos "ase, esse, ise, ose".	próclise, psicanálise, metamorfose, prófase, osmose, catálise.
8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra "s".	ausente (ausência), casamento (casa), presidiário (preso), visionário (visão), concursado (concurso).

4.2.9 - Emprego do dígrafo "SS"

1) Verbos com "CED" formam substantivos com "CESS".	concessão (conceder), excesso (exceder), cessão (ceder), intercessão (interceder).
2) Verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS".	regredir (regressão), transgredir (transgressão), progredir (progressão), agredir (agressão).
3) Verbos com "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS".	imprimir (impressão), oprimir (opressão), reprimir (repressão), exprimir (expressão).
4) Verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO".	repercutir (repercussão), admitir (admissão), discutir (discussão).
5) Palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s".	ressurgir (re+surgir), minissaia (mini+saia), antessala (ante+sala), antisséptico (anti+séptico).
6) Vocábulos diversos.	acessível, amassar, assar, apressar, argamassa, arremesso, assédio, assessor, assoprar, aterrissar, avesso, bússola, compasso, concessão, confissão, demissão, depressa, escassez, excesso, fossa, gesso, girassol, massagem, missionário, obsessão, passatempo, possessão, ressentir, sossego.

4.2.10 - Emprego do "SC"

Emprega-se o "SC" em muitos vocábulos por razões etimológicas, os quais, geralmente, são eruditos e provenientes do latim. Listamos alguns exemplos:	abscesso, abscissa, acrescer, adolescência, apascentar, aquiescência, ascendente, ascender, ascético, condescender, consciência, convalescença, descendência, descentralização, discente, discernimento, disciplina, fascismo, fascínio, imprescindível, miscelânea, nascença, obsceno, oscilação, piscina, prescindir, remanescente, rescindir, ressuscitar, suscitar, transcendente, visceral.

4.2.11 Uso dos “porquês”

POR QUE

A forma **por que** é a sequência de uma **preposição** (por) e um **pronome interrogativo** (que). Equivale a "por qual razão", "por qual motivo":

> ***Por que*** *você quer passar em concurso público?*

Há situações nas quais **por que** representa a sequência **preposição + pronome relativo,** equivalendo a *"pelo qual" (*ou alguma de suas flexões *pela qual, pelos quais, pelas quais).*

> *Estes são os motivos* ***por que*** *estudo para concurso público.*

POR QUÊ

É empregado ao final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências. A sequência deve ser grafada **por quê,** pois, devido à posição na frase, o monossílabo *"que*" passa a ser **tônico**.

> *Estudei bastante ontem para o concurso. Sabe* ***por quê****?*
>
> *Sobre estudar para concursos públicos, não direi novamente* ***por quê****!*

PORQUE

A forma **porque** é uma **conjunção,** equivalendo a *pois, já que, uma vez que, porquanto, como.* Costuma ser utilizado em respostas, para explicação ou causa.

> *Vou me preparar para a prova,* ***porque*** *quero ser aprovado.*

PORQUÊ

A forma **porquê** representa um **substantivo**. Significa "causa", "razão", "motivo" e, normalmente, surge acompanhado de palavra determinante (artigo, por exemplo).

> *Não consigo entender* ***o porquê*** *de sua procrastinação.*
>
> *Existem muitos* ***porquês*** *para que eu seja aprovado no certame.*

> *Exercício*

...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora... No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?

b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?

d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.

e) – ... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

Comentário:

a) O correto seria por quê. É empregado ao final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências. Errado.

b) O seria por que, que Equivale a "por qual razão", "por qual motivo". Certo.

c) O correto seria porquê, que representa um substantivo e significa "causa", "razão", "motivo". Errado.

d) O correto seria porque, que equivale a uma conjunção (pois, já que, uma vez que). Errado.

e) O correto seria porque, que equivale a uma conjunção (pois, já que, uma vez que). Errado.

Gabarito: "b"

4.2.12 dado/visto/haja vista

Os particípios **dado** e **visto** têm valor passivo e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

***Dados** o interesse e o esforço demonstrados, optou-se pela permanência do servidor em sua função;*

***Dada** a circunstância, calar-me-ei diante da cambulhada;*

***Vistas** as provas apresentadas, não houve mais hesitação no encaminhamento do inquérito.*

Já a expressão **haja vista (tendo em vista),** com o sentido de "uma vez que", é invariável:

*O servidor tem qualidades, **haja vista** o interesse e o esforço demonstrados.*

Haja visto (com -o) é inovação oral brasileira, evidentemente descabida em textos técnicos oficiais.

4.2.13 – onde/Aonde

Onde, como pronome relativo significa *em que (lugar)*:

> *A cidade onde nasceu;*
>
> *O país onde viveu.*

Evite, pois, construções como "*a lei onde é fixada a pena*" ou "o *encontro onde o assunto foi tratado*". Nesses casos, substitua *onde* por ***em que***, ***na qual***, ***no qual***, ***nas quais***, ***nos quais***. O correto é, portanto: *a lei na qual é fixada a pena, o encontro no qual (em que) o assunto foi tratado.*

Já o vocábulo **aonde** indica movimento, aproximação. Equivale à expressão "a que lugar".

> *Aonde ele vai?*
>
> *Aonde você quer chegar estudando tanto assim?*

4.2.14 acerca de/ a cerca de/ cerca de/ há cerca de

Acerca de é locução prepositiva equivalente a **sobre, a respeito de**:

> *Já tenho informações acerca da taxa de juros;*
>
> *A discussão acerca da legalidade da posse do ministro será no âmbito do Supremo Tribunal Federal.*

A cerca de indica **distância** ou **tempo futuro aproximado**:

> *Os manifestantes estão a cerca de dois quilômetros deste quarteirão;*
>
> *O ciclista desistiu da prova a cerca de dez quilômetros da linha de chegada;*
>
> *De hoje a cerca de um mês, estudarei com contumácia para concursos públicos.*

Cerca de corresponde a **próximo de, perto de, quase, aproximadamente**:

> *Cerca de cinco mil manifestantes protestaram contra o governo;*
>
> *A instituição financeira teve cerca de cinquenta fraudes comprovadas no exercício anterior.*

Há cerca de corresponde a **faz aproximadamente (tempo decorrido)**:

> *Há cerca de três anos, a lei foi promulgada;*
>
> *Há cerca de seis meses, o Banco Central mantém a taxa de juros alta;*

4.2.15 Mau x Mal

"Mal" pode ser um substantivo ou um advérbio. Como substantivo, quer dizer "aquilo que é nocivo, prejudicial" ou então "doença", "epidemia".

Este mal o acompanha desde que iniciou os estudos: a procrastinação.

Ele fez mal ao concorrente.

Foi à biblioteca e mal estudou.

O candidato escreveu muito mal a redação.

"Mau" é um adjetivo, antônimo de bom. Pode, como todo adjetivo, ser substantivado (nesse caso, aparece acompanhado por um artigo):

Os maus concorrentes devem ser evitados.

O mau exemplo não é para lhe servir de inspiração.

Exercício

Nas frases

O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

o emprego dos termos mal e mau está correto APENAS em:

a) I.

b) I e II.

c) II.

d) III.

e) I e III.

Comentário:

I – Correto. Os vocábulos "mau" e "mal" correspondem a um adjetivo e substantivo, respectivamente.

II – Errado. No primeiro período, o correto seria o emprego de "mal" como advérbio. No segundo período, por ser substantivo, deveria ser registrado como "mal".

III – Errado - No primeiro período, está correto o emprego de "mau" como adjetivo. No segundo período, por ser adjetivo (variável), deveria ser registrado como "maus".

Gabarito: "a"

5 - Regras de Acentuação gráfica

A Língua Portuguesa utiliza os sinais de acentuação[5] para identificar a sílaba tônica (oxítona, paroxítona ou proparoxítona), a sonoridade da vogal (aberta, fechada ou nasal) ou indicar a crase. Os quatro acentos presentes em nosso idioma são:

- **Agudo** (´): indica vogal tônica aberta;
- **Grave** (`): indica a ocorrência de crase;
- **Circunflexo** (^): indica a vogal tônica nasal ou fechada (robô, pivô, gênero, âmbito);
- **Til** (~): indica a nasalidade em a e o (ambição, discursão, corações, pães).

5.1– Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados nas vogais tônicas, abertas ou fechadas:

- **a(s):** já, lá, vás;
- **e(s):** fé, lê, pés;
- **o(s)**: pó, dó, pós, sós;
- **Ditongo crescente ei(s), eu(s), oi(s)** (acentua-se a primeira vogal quando abertos ou tônicos): céu, réu, dói.



Os monossílabos verbais seguidos de pronomes também seguem essa regra: dá-la, tê-lo, pô-la, fá-lo-á, tê-la-ei.

[5] Também chamados de **sinais diacríticos** ou de **notações léxicas**.

5.2 – Vocábulos de mais de uma sílaba

.5.2.1 – Oxítonos

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

- **a(s):** cajás, vatapá, Amapá, Pará;
- **e(s):** você, café, pontapé, Igarapé;
- **o(s):** cipó, jiló, avô, pivô, dominó;
- **em, ens:** também, ninguém, armazéns, vinténs;
- **Ditongos abertos ei(s), eu(s), oi(s)** (acentua-se a primeira vogal quando abertos ou tônicos): papéis, heróis, chapéus, anzóis.

5.2.2 – Paroxítonos

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

- **i(s)**: júri, lápis, táxi(s), tênis;
- **us**: vênus, vírus, bônus;
- **r**: caráter, revólver, éter, açúcar;
- **l**: útil, amável, nível, têxtil;
- **x**: tórax, fênix, ônix;
- **n**: éden, hífen (no plural é sem acento: edens, hifens);
- **um, uns**: álbum, álbuns, médium, médiuns;
- **ão(s)**: órgão, órfão, órgãos, órfãos;
- **ã(s)**: órfã, órfãs;
- **ps**: bíceps, tríceps, fórceps;
- **om, on(s): iâmdom, rádon, rádons**, nêutron, elétrons.



Caso você esteja diante de uma palavra paroxítona, temos um macete para saber se ela leva ou não acento gráfico. Observe as duas últimas sílabas: se elas não forem iguais às sílabas que caracterizam a acentuação das oxítonas (a, as, e, es, o, os, em, ens), pode acentuar! Caso sejam, não acentue!

Observe: HI-FEN (paroxítona, pois a sílaba tônica é o HI).

Aplicando a dica: perceba que a palavra termina com EN, portanto, não está na regra das oxítonas. Então, meu amigo, pode acentuar: HÍFEN.

E agora? Então HIFENS também será acentuado?

Vejamos: HI-FENS (paroxítona).

Observe que as últimas sílabas (ENS) enquadram-se naquelas da regra das oxítonas, portanto, não pode ser acentuado: HIFENS.

EXCEÇÃO: *Só ocorrerá se o final da paroxítona for ditongo crescente. Vejamos: A-gua (paroxítona) terminada em ua (temos uma semivogal u e uma vogal a). Então temos uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Receberá acento: ÁGUA.*

5.2.3 – Proparoxítonos

Todos os proparoxítonos levam acento agudo ou circunflexo: cálido, pálido, sólido, cômodo, carnívoro, herbívoro, cátedra, tônico.

Deve-se tomar cuidado com as **proparoxítonas eventuais**, ou seja, as terminadas em **ditongo crescente**, que também seguem essa regra: ambíguo, previdência, presidência, preferência, homogêneo, ministério.

Monossílabos	**Acentuam-se os monossílabos terminados em :** **a(s): já, lá, vás;** **e(s): fé, lê, pés;** **o(s): pó, dó, pós, sós;** **Ditongo crescente ei(s), eu(s), oi(s): céu, réu, dói.** **Atenção: monossílabos verbais seguidos de pronomes: dá-la, tê-lo, pô-la, comê-la.**
Oxítonos	Acentuam-se os oxítonos terminados em: **a(s)**: cajás, vatapá, Amapá, Pará; **e(s)**: você, café, pontapé, Igarapé; **o(s)**: cipó, jiló, avô, pivô, dominó; **em, ens**: também, ninguém, armazéns, vinténs; **Ditongo crescente ei(s), eu(s), oi(s)**: papéis, heróis, chapéus, anzóis.
Paroxítonos	Vamos guardar o macete, ok? Acentuam-se os paroxítonos não terminados em sílabas que caracterizam a acentuação dos oxítonos (a, as, e, es, o, os, em, ens). **Exceção: Ditongo crescente (água).**
Proparoxítonos	Todos os proparoxítonos são acentuados.

5.3 – Casos especiais em conformidade com o novo acordo ortográfico

Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos **paroxítonos**.

Registro Antigo	**Novo Registro**
alcatéia	**alcateia**
andróide	**androide**

apóia	**apoia**
apóio	**apoio**
asteróide	**asteroide**
bóia	**boia**
celulóide	**celuloide**
colméia	**colmeia**
Coréia	**Coreia**

Conforme visto anteriormente, permanece o acento agudo nos **monossílabos tônicos** e **oxítonos** terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, chapéu, chapéus.

Regra dos Hiatos: acentuam-se o **i** e o **u** tônicos dos hiatos, com ou sem **s**, quando não forem seguidos de **nh**, não repetirem a vogal e não formarem sílaba com consoante que não seja o **s**: saída, juízes, país, baú, saúde, reúne, viúvo. Rainha (precede **nh**), xiita (repetição de vogal) e juiz (forma sílaba com consoante que não seja o **s**) não recebem acento.

Nos vocábulos **paroxítonos**, não se acentuam o ***i*** e o ***u*** tônicos quando vierem depois de **ditongo decrescente**.

Registro Antigo	**Novo Registro**
baiúca	**baiuca**
bocaiúva	**bocaiuva**
cauíla	**cauila**
feiúra	**feiura**

Se o vocábulo for **oxítono** e o ***i*** ou o ***u*** estiverem em **posição final** (ou seguidos de s) ou se o vocábulo for **proparoxítono**, o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí, maiúscula.

Não se acentuam os vocábulos terminados em ***êem*** e ***ôo(s)***.

Registro Antigo	**Novo Registro**
crêem (verbo crer)	**creem**
dêem (verbo dar)	**deem**
dôo (verbo doar)	**doo**
enjôo	**enjoo**
lêem (verbo ler)	**leem**
magôo (verbo magoar)	**magoo**
perdôo (verbo perdoar)	**perdoo**
povôo (verbo povoar)	**povoo**
vêem (verbo ver)	**veem**
vôos	**voos**
zôo	**zoo**

Não se diferenciam mais os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Registro Antigo	**Novo Registro**
Ela pára o cavalo.	**Ela para o cavalo.**
Ele foi ao pólo sul.	**Ele foi ao polo sul.**

Esse animal tem pêlos bonitos.	**Esse animal tem pelos bonitos.**
Devoramos uma pêra.	**Devoramos uma pera.**

Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

*No passado ele **pôde** roubar o povo, mas hoje ele não **pode**.*

Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

*O **pôr** do sol de Brasília revela traços idealizados **por** Oscar Niemeyer.*

*Desejo **pôr** o livro sobre a mesa que foi construída **por** mim.*

Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.). Vejamos:

- Ele tem escrúpulos. / Eles têm escrúpulos.
- Ele vem de uma região humilde. / Eles vêm de uma região humilde.
- Ele mantém a promessa. / Eles mantêm a promessa.
- Ele convém aos juízes. / Eles convêm aos juízes.
- Ele detém o marginal. / Eles detêm o marginal.
- Ele intervém no Iraque. / Eles intervêm no Iraque.

É facultado o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras **dêmos** (do verbo no subjuntivo que nós dêmos) de **demos** (do passado nós demos); **fôrma** (substantivo) de **forma** (verbo).

Não se acentua o **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

Há variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc. Esses verbos **admitem duas pronúncias** em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Observe:

i. Se forem pronunciadas com **a** ou **i tônicos**, essas formas **devem ser acentuadas**.

Exemplos:

- **Verbo enxaguar**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem;
- **Verbo delinquir**: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

ii. Se forem pronunciadas com **u tônico,** essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é a tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

- **Verbo enxaguar:** enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
- **Verbo delinquir:** delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Importante! No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, ou seja, aquela com **a** e **i** tônicos.

Desaparece o acento dos **ditongos abertos** éi e ói dos vocábulos **paroxítonos**: alcateia, geleia, assembleia, ideia.
Regra dos Hiatos: acentuam-se o i e o u tônicos dos hiatos, com ou sem s, quando não forem seguidos de nh, não repetirem a vogal e não formarem sílaba com consoante que não seja o s (saída, juízes, país, baú, saúde, reúne, viúvo, maiúscula). Rainha (precede nh), xiita (repetição de vogal) e juiz (forma sílaba com consoante que não seja o s) não recebem acento. **Atenção!** Cuidado com o u tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos arguir e redarguir**. ELES NÃO SÃO ACENTUADOS!**
Nos vocábulos **paroxítonos,** não se acentuam **o i e o u tônicos** quando vierem depois de ditongo decrescente. (baiuca, bocaiuva, feiura).
Não se acentuam os vocábulos terminados em *êem* e *ôo(s)*: creem, deem, doo, voo, magoo.
Não se diferenciam mais os pares **pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.** **Atenção!** Permanece o acento diferencial em **pôde** (pretérito perfeito do indicativo)/**pode** (presente do indicativo); **pôr** (verbo)/**por**(preposição).
Permanece o acento diferencial (plural/singular) dos verbos ter e vir: **ele tem / eles têm; ele vem / eles vêm.**
Acentuam-se o **a** e o **i tônicos** dos verbos terminados em **guar, quar e quir**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem; delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

Pronto, pessoal. Sabemos que revisar essas regras tornou a aula um pouco cansativa. Contudo, tenho a convicção que nossos alunos farão textos impecáveis, **sem erros de ortografia**. Revisamos os principais tópicos para que você faça sua prova dissertativa com bastante tranquilidade sob esse aspecto. Aproveitem os quadros resumos disponibilizados para recordarem as regrinhas constantemente!

6 – Crase

Na língua portuguesa, a crase indica a contração de duas vogais idênticas, mais precisamente, a fusão da **preposição a** com o **artigo feminino a** e com o **a do início de pronomes**. Sempre que houver a fusão desses elementos, o fenômeno será indicado por intermédio da presença do **acento grave**, também chamado de acento indicador de crase.

Seguindo a lógica da nossa aula de aprendermos por meio de exemplos, nós trazemos, a seguir, diversos casos para compreendermos gradativamente as situações nas quais o fenômeno da crase ocorre:

6.1 Regra Geral

- **A crase deve ser empregada apenas diante de palavra feminina:**

Essa é a regra básica para quem quer aprender mais sobre o uso da crase. Apesar de ser a mais conhecida, não é a única, mas saber que – salvo exceções – a crase não acontece antes de palavras masculinas já ajuda bastante! Caso você fique em dúvida sobre quando utilizar o acento grave, substitua a palavra feminina por uma masculina: se o "a" virar "ao", ele receberá o acento grave. Veja só um exemplo:

> *Os auditores foram **à** operação para apurar fraudes.*

Substitua a palavra "operação" pela palavra "encontro":

> *Os auditores foram **ao** encontro dos responsáveis pela sonegação.*

Casos Diversos

i. **Utiliza-se a crase em expressões que indiquem hora:**

> *Iniciaremos os estudos do dia **às** 7h.*
>
> *O aumento da taxa de juros foi anunciado **às** 18h.*
>
> *Estudaremos a nova disciplina **das** 14h **às** 18h30min.*

ii. **Antes de locuções adverbiais femininas que expressem ideia de tempo, de lugar e de modo:**

> ***Às vezes,** somos aprovados em concursos antes do previsto.*
>
> *Ele estudou **às pressas** para conseguir finalizar o edital.*

Casos opcionais

- **Antes de pronomes possessivos:**

> *Eu devo satisfações **à(ou a)** minha equipe de trabalho.*
>
> *O indivíduo deve aferrar-se **à(ou a)** sua própria moral.*

- **Antes de substantivos femininos próprios:**

> *João fez um pedido à(ou a) Maria.*
>
> *O procurador entregou a documentação probatória à (ou a) Carmen Lúcia.*

- **Depois da palavra "até":**

Os servidores foram até à (ou a) praça dos tribunais para reivindicarem seus direitos.

Casos Proibidos

iii. Na maioria das vezes, a crase não ocorre diante de palavra masculina:

*O pagamento da multa foi feito **a prazo**.* *Os policiais correram **a cavalo** para capturar o bandido.*

Exceção: Existe um caso em que o acento indicador de crase pode surgir antes de uma palavra masculina. Isso acontecerá quando a expressão **"à moda de"** estiver implícita na frase. Observe o exemplo:

*Ele cantou a canção **à** Roberto Carlos. (Ele cantou a canção à moda de Roberto Carlos).* *Ele fez um gol à Pele. (Ele fez um gol à moda de Pelé).* *Ele comprou sapatos à Luís XV. (Ele comprou sapatos à moda de Luís XV).*

iv. Diante de substantivos femininos indeterminados:

Não dê ouvidos a pessoas desacreditadas. *Vou a festas para desestressar-me.*

v. Em locuções formadas com a repetição da mesma palavra:

Dia a dia, a aprovação se aproxima. *Estava frente a frente com a prova.*

vi. Diante de verbos:

Estamos dispostos a estudar para sermos aprovados. *No plenário, puseram-se a discutir em voz alta.*

Regra geral	A crase deve ser empregada apenas diante de palavra feminina.
Casos Diversos	Utiliza-se a crase em expressões que indiquem hora (às 19h; das 8h às 18h).
Casos Opcionais	- Antes de pronomes possessivos (à sua; à minha); - Antes de substantivos femininos próprios (à Maria, à Joana);

	- Depois da palavra até (foram até a praia; foram até à praia).
Casos Proibidos	- Antes de palavra masculina (**Exceto: à moda de**) - Diante de substantivos femininos indeterminados; - Em locuções formadas com a repetição da mesma palavra; Diante de verbos.

7 - APOSTA ESTRATÉGICA

A ideia desta seção é apresentar os pontos do conteúdo que mais possuem chances de serem cobrados em prova, considerando o histórico de questões da banca em provas de nível semelhante à nossa.

Assim, a aposta estratégica é especialmente importante na sua reta final de estudos.

Vale deixar claro que nem sempre será possível realizar uma aposta estratégica para um determinado assunto, considerando que às vezes não é viável identificar os pontos mais prováveis de serem cobrados a partir de critérios objetivos, ok?

Vamos ao conteúdo da nossa aposta?

No assunto **acentuação**, os ditongos abertos éi e ói nos vocábulos paroxítonos são muito cobrados em provas! A pergunta gira em torno da mudança ocorrida com o Novo Acordo Ortográfico. Lembrem-se da regra:

Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos **paroxítonos**.

Registro Antigo	**Novo Registro**
alcatéia	**alcateia**
andróide	**androide**
apóia	**apoia**
apóio	**apoio**
asteróide	**asteroide**
bóia	**boia**
celulóide	**celuloide**
colméia	**colmeia**
Coréia	**Coreia**

ATENÇÃO: permanece o acento agudo nos **monossílabos tônicos** e **oxítonos** terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, chapéu, chapéus.

A REGRA SÓ ALTEROU OS DITONGOS ABERTOS EM PAROXÍTONAS!

No assunto **ortografia** aposte no uso do hífen em prefixos terminados com vogal ou com consoante. O uso do hífen é sempre um assunto relevante, mas não se esqueça do seguinte:

Prefixo terminado em vogal	**Sem Hífen diante de vogal diferente (autoestima, autoescola, antiaério)**
	Sem Hífen diante de **Consoante diferente** de **r** e **s** (autodefesa, anteprojeto, semicírculo)
	Sem Hífen diante de **r** e **s** (**dobram-se essas leras**) (autorretrato, antirracismo, antissocial)
	Com Hífen diante de **mesma vogal** (arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ondas)
Prefixo terminado em consoante	**Sem Hífen** diante de **vogal** (interestadual, superinteressante)
	Sem hífen diante de **consoante diferente** (intertextual, intermunicipal, supersônico)
	Com Hífen diante de **mesma consoante** (Sub-base, inter-regional, sob-bibliotecária)

Já no assunto **crase,** a aposta fica nos casos facultativos. São apenas três, vale a pena decorar:

- Antes de pronomes possessivos (à sua; à minha);

- Antes de substantivos femininos próprios (à Maria, à Joana);

- Depois da palavra até (foram até a praia; foram até à praia).

8 - QUESTÕES-CHAVE DE REVISÃO

Nesta seção, apresentamos e comentamos uma amostra de questões objetivas selecionadas estrategicamente: são questões com nível de dificuldade semelhante ao que você deve esperar para a sua prova e que, em conjunto, abordam os principais pontos do assunto.

A ideia, aqui, não é que você fixe o conteúdo por meio de uma bateria extensa de questões, mas que você faça uma boa revisão global do assunto a partir de, relativamente, poucas questões.

Ortografia

Questão 01

AOCP - Analista Fundiário (CODEM)/Advogado/2017

O Lado Negro do Facebook

Por Alexandre de Santi

O Facebook é, de longe, a maior rede da história da humanidade. Nunca existiu, antes, um lugar onde 1,4 bilhão de pessoas se reunissem. Metade de todas as pessoas com acesso à internet, no mundo, entra no Facebook pelo menos uma vez por mês. Em suma: é o meio de comunicação mais poderoso do nosso tempo, e tem mais alcance do que qualquer coisa que já tenha existido. A maior parte das pessoas o adora, não consegue conceber a vida sem ele. Também pudera: o Facebook é ótimo. Nos aproxima dos nossos amigos, ajuda a conhecer gente nova e acompanhar o que está acontecendo nos nossos grupos sociais. Mas essa história também tem um lado ruim. Novos estudos estão mostrando que o uso frequente do Facebook nos torna mais impulsivos, mais narcisistas, mais desatentos e menos preocupados com os sentimentos dos outros. E, de quebra, mais infelizes.

No ano passado, pesquisadores das universidades de Michigan e de Leuven (Bélgica.) recrutaram 82 usuários do Facebook. O estudo mostrou uma relação direta: quanto mais tempo a pessoa passava na rede social, mais infeliz ficava. Os cientistas não sabem explicar o porquê, mas uma de suas hipóteses é a chamada inveja subliminar, que surge sem que a gente perceba conscientemente. Já deve ter acontecido com você. Sabe quando você está no trabalho, e dois ou três amigos postam fotos de viagem? Você tem a sensação de que todo mundo está de férias, ou que seus amigos viajam muito mais do que você. E fica se sentindo um fracassado. "Como as pessoas tendem a mostrar só as coisas boas no Facebook, achamos que aquilo reflete a totalidade da vida delas", diz o psiquiatra Daniel Spritzer, mestre pela UFRGS e coordenador do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas. "A pessoa não vê o quanto aquele amigo trabalhou para conseguir tirar as férias", diz Spritzer.

E a vida em rede pode ter um efeito psicológico ainda mais assustador. Durante 30 anos, pesquisadores da Universidade de Michigan aplicaram testes de personalidade a 14 mil universitários. O resultado: os jovens da geração atual, que cresceram usando a internet, têm 40% menos empatia que os jovens de três décadas atrás. A explicação disso, segundo o estudo, é que na vida online fica fácil ignorar as pessoas quando não queremos ouvir seus problemas ou críticas – e, com o tempo, esse comportamento indiferente acaba sendo adotado também na vida offline.

Num meio competitivo, onde precisamos mostrar como estamos felizes o tempo todo, há pouco incentivo para diminuir o ritmo e prestar atenção em alguém que precisa de ajuda. Há muito espaço, por outro lado, para o egocentrismo. Em 2012, um estudo da Universidade de Illinois com 292 voluntários concluiu que, quanto mais amigos no Facebook uma pessoa tem, e maior a frequência com que ela posta, mais narcisista tende a ser – e maior a chance de fazer comentários agressivos.

Esse último resultado é bem surpreendente, porque é contraintuitivo. Ora, uma pessoa que tem muitos amigos supostamente os conquistou adotando comportamentos positivos, como modéstia e empatia. O estudo mostra que, no Facebook, tende a ser justamente o contrário.

Adaptado de Superinteressante. Disponível em: http://super.abril.com.br/tecnologia/o-lado-negro-do-facebook/

Em "Os cientistas não sabem explicar o porquê", a palavra destacada é assim escrita, pois

a) está sendo usada como substantivo, significando "motivo".

b) está sendo utilizada para introduzir uma causa ou explicação.

c) funciona como pronome relativo, equivalente a "por qual razão".

d) introduz frase interrogativa.

e) está sendo utilizada em final de frase.

Comentário:

A- está sendo usada como substantivo, significando "motivo".

Correta: a palavra é um substantivo e tem significado de "motivo", "razão". Vem acompanhado de determinante, nesse caso, do artigo definido º

B- está sendo utilizada para introduzir uma causa ou explicação.

Incorreta: Nesse sentido, deve-se usar "PORQUE".

c- funciona como pronome relativo, equivalente a "por qual razão".

Incorreta: A grafia deveria ser POR QUE, pois é a junção da preposição por + pronome relativo que, apresentando o significado de "pelo qual".

D- introduz frase interrogativa.

Incorreta: Ao ser usado em frases interrogativas, a grafia é POR QUE . A forma por que é a sequência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que).

E- está sendo utilizada em final de frase.

Incorreto – Ao ser usado no final da frase, a grafia correta é POR QUÊ, pois devido à posição na frase, o monossílabo "que" passa a ser tônico e recebe o acento.

GABARITO: A

Ortografia

Questão 02

AOCP - Motorista (Pref JF)/Veículo Pesado I/2016

A internet pode ser mais estressante do que você imagina

Maribel Barros

Você anda estressado? Se a resposta para esta pergunta for sim, é possível que seu tempo na internet seja parcialmente responsável por isso, de acordo com um relatório da empresa Ericsson.

A cada dia, estamos mais conectados à internet, graças aos dispositivos móveis e todas as facilidades tecnológicas, mas poucos de nós percebem que isso pode ser uma poderosa fonte de estresse. Mas você sabia que o simples fato de carregar um vídeo aumenta a sua frequência cardíaca em até 38%?

Para chegar a esta conclusão, estudamos a atividade cerebral, a movimentação ocular e a pulsação de 30 voluntários na Dinamarca e determinamos como eles reagem a uma baixa velocidade de carregamento na internet. Todos eles receberam um dispositivo para assistir um vídeo na internet e foram divididos pelo tempo de carregamento de cada conexão.

O primeiro grupo não teve tempo de espera. O nível de estresse registrado foi de 13 pontos, considerado o valor base para futuras comparações.

O segundo grupo, que sofreu um atraso de dois segundos, registrou 16 pontos na escala de tensão, um aumento de 23%. O terceiro grupo, cuja conexão demorava até 6 segundos para carregar o vídeo, registrou um nível de estresse de 19 pontos, o equivalente a um aumento de 46%.

Além disso, eles notaram que, em média, os batimentos cardíacos dos participantes aumentaram em 38%.

Como se deu esta comparação?

Para nos dar uma maneira de comparar o estresse gerado por carregar um vídeo em uma internet lenta, gestores indicaram marcadores de estresse em várias outras atividades.

É correto afirmar, por exemplo, que o estresse causado por esta atividade é maior do que:

Esperar na fila do supermercado.

Assistir a um programa melodramático de televisão.

Estar à beira de um precipício (literalmente).

Assistir a um filme de terror.

Aparentemente, o estresse de esperar um vídeo carregar é igual ao gerado para resolver um problema de matemática.

Embora os resultados sejam interessantes, devem ser encarados com certa desconfiança, já que a Ericsson continua a ser uma empresa envolvida no negócio das conexões de internet e a amostragem não foi muito significativa. No entanto, há de se considerar que este estudo se baseou apenas no estresse gerado por carregar um vídeo e não em outros elementos, como participar de redes sociais, mensagens instantâneas, mapas, GPS e várias outras atividades estressantes disponíveis na internet.

[...]

"Viver um momento estressante não é o mesmo que viver sob estresse. A primeira situação é normal, inesperada e gerada pelo ambiente, enquanto a segunda é tóxica, gerada e procurada por nós mesmos, pois se tornou um hábito que nos impede de viver de outra forma". Bernardo Stamateas.

Disponível em: https://br.vida-estilo.yahoo.com/post/144190143264/a-internet-pode-ser-mais-estressante-do-que-voc%C3%AA. Acesso em: 10 mai. 2016.

Assinale a alternativa em que a palavra destacada foi utilizada corretamente.

a) Nossa, como você tem um coração mal!

b) Mau saí e você já me pediu para voltar?

c) Fiquei feliz ao saber que você não é um rapaz mau.

d) Ele está muito mau de saúde.

e) Não me leve a mau, mas esta sua roupa não está legal.

Comentário:

Lembrando: MAL com "l" é antônima de bem e pode ser um advérbio de modo, um substantivo e ainda, uma conjunção subordinativa temporal.

Quando é advérbio, mal significa que algo foi realizado de maneira errada;

Quando é substantivo, esse termo é sinônimo de doença, problema, angústia. Nesse caso, o artigo "o" determina esse substantivo.

Quando é conjunção, mal significa "assim que; logo que; quando".

MAU com "u" é antônimo de bom e esse vocábulo é um adjetivo que qualifica seres e objetos.

Vamos à questão:

A- Nossa, como você tem um coração mal!

Incorreta: Mau (contrário de bom) é um adjetivo, logo deveria ser escrito com "U".

B- Mau saí e você já me pediu para voltar?

Incorreta: Nesse caso, "mal" é um advérbio (termo que modifica o sentido do verbo sair). E deveria ser escrito com "L".

C- Fiquei feliz ao saber que você não é um rapaz mau.

Correta: O termo MAU foi corretamente empregado, pois se trata de um antônimo de "bom" (adjetivo)

D- Ele está muito mau de saúde.

Incorreta: Deveria ser empregado "mal", visto que exerce a função de advérbio.

E- Não me leve a mau, mas esta sua roupa não está legal.

Incorreta: Nesse contexto, deve-se empregar "mal", uma que se trata de um advérbio.

GABARITO: C

Acentuação

Questão 03

AOCP - Técnico em Gestão de Infraestrutura (SUSIPE)/Gestão de Informática/2018 (e mais 2 concursos)

A importância da linguagem

Na abertura da sua obra Política, Aristóteles afirma que somente o homem é um "animal político", isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. Os outros animais, escreve Aristóteles, possuem voz (phone) e com ela exprimem dor e prazer, mas o homem possui a palavra (logos) e, com ela, exprime o bom e o mau, o justo e o injusto. Exprimir e possuir em comum esses valores é o que torna possível a vida social e política e, dela, somente os homens são capazes.

Segue a mesma linha o raciocínio de Rousseau no primeiro capítulo do Ensaio sobre a origem das línguas:

A palavra distingue os homens dos animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado.

Escrevendo sobre a teoria da linguagem, o linguista Hjelmslev afirma que "a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos", sendo "o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana."

Prosseguindo em sua apreciação sobre a importância da linguagem, Rousseau considera que a linguagem nasce de uma profunda necessidade de comunicação: Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso.

Gestos e vozes, na busca da expressão e da comunicação, fizeram surgir a linguagem.

Por seu turno, Hjelmslev afirma que a linguagem é "o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta contra a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador."

A linguagem, diz ele, está sempre à nossa volta, sempre pronta a envolver nossos pensamentos e sentimentos, acompanhando-nos em toda a nossa vida. Ela não é um simples acompanhamento do pensamento, "mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento", é "o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de geração a geração".

A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes.

No entanto, no diálogo Fedro, Platão dizia que a linguagem é um pharmakon. Esta palavra grega, que em português se traduz por poção, possui três sentidos principais: remédio, veneno e cosmético.

Ou seja, Platão considerava que a linguagem pode ser um medicamento ou um remédio para o conhecimento, pois, pelo diálogo e pela comunicação, conseguimos descobrir nossa ignorância e aprender com os outros. Pode, porém, ser um veneno quando, pela sedução das palavras, nos faz aceitar, fascinados, o que vimos ou lemos, sem que indaguemos se tais palavras são verdadeiras ou falsas. Enfim, a linguagem pode ser cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras. A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento-sedução.

O fragmento acima foi extraído do livro Convite à Filosofia de Marilena Chauí. CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática,2000.

Assinale a alternativa cujas palavras apresentam a mesma regra de acentuação ortográfica.

a) Política, possível, inseparável.

b) Cosmético, remédio, ignorância.

c) Importância, ignorância, último.

d) Português, três, poção.

e) Importância, remédio, próprio.

Comentário:

A- Política, possível, inseparável.

Incorreta: as palavras "possível" e "inseparável" são acentuadas por serem palavras paroxítonas terminadas em L. Já a palavra "política" é acentuada, pois todas as palavras proparoxítonas recebem acento.

B- Cosmético, remédio, ignorância.

Incorreta: as palavras "remédio" e "ignorância" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo. Já a palavra "cosmético" é acentuada por ser proparoxítona.

C- Importância, ignorância, último.

Incorreta: as palavras "importância" e "ignorância" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo. Já a palavra "último" é acentuada por serem proparoxítonas.

D- Português, três, poção.

Incorreta: A palavra "português" é acentuada por ser oxítona terminada em "es".

A palavra "três" é acentuada por ser uma monossílaba tônica terminada "es".

Já a palavra "poção" não recebe acento. O til (~) não é considerado um acento gráfico.

E- Importância, remédio, próprio.

Correta: As três palavras apresentam a mesma regra de acentuação ortográfica: acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo.

GABARITO: E

Acentuação

Questão 04

AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I/2016 (e mais 9 concursos)

Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouço frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. "Voltei para continuar pintando,

porque lá em casa não dava pé." E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/ 2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml)

"...que só pensavam em torturá-los com choques elétricos..". Assinale a alternativa em que há uma palavra acentuada pelo mesma regra que o vocábulo destacado.

a) Médio.

b) Lamentável.

c) Invenção.

d) Paletó.

e) Artístico.

Comentário:

A- Médio.

Incorreta- Médio recebe acento por ser uma paroxítona terminada em ditongo.

B- Lamentável.

Incorreta - Lamentável é uma palavra acentuada por ser uma paroxítona terminada em -l.

C- Invenção.

Incorreta- A palavra intervenção não é acentuada. O til (~) não é considerado um acento gráfico.

D- Paletó.

Incorreta - Paletó recebe acento por ser uma oxítona terminada em -o(s).

E- Artístico.

Correta- As palavras "artístico" e "elétricos" recebem acento por serem proparoxítonas e, segundo a regra, todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas.

GABARITO: E

Acentuação

Questão 05

AOCP - Assistente Técnico Administrativo (BADESUL)/2010

Lixo na rua, lixo na mente

A situação no país só não é ainda mais grave graças aos catadores

Desde o último domingo a cidade de São Paulo está mandando para aterros em outros municípios as 13 mil toneladas diárias de lixo domiciliar e comercial que produz, pois se esgotou a capacidade de seu último aterro em funcionamento e ainda não está licenciada a área adicional de 435 mil metros quadrados para onde se pretende expandir o São João (Estado, 2/10).

Mais de uma vez já foram mencionados neste espaço maus exemplos que o autor destas linhas documentou em Nova York (EUA.) e Toronto (Canadá). Na primeira, deixou-se esgotar o aterro para onde iam 12 mil toneladas diárias de resíduos. E a solução foi transportá-las diariamente em caminhões para mais de 500 quilômetros de distância, no Estado da Virginia, e depositá-las num aterro privado, ao custo de US$ 720 mil por dia (US$ 30 por tonelada para o transporte, outro tanto para pagar o aterro). Em Toronto também se esgotou o aterro para onde iam 3 mil toneladas diárias. E se teve de implantar um comboio ferroviário para levá-las a 800 quilômetros de distância. São apenas dois de muitos exemplos. No Brasil mesmo, Belo Horizonte já está mandando lixo para dezenas de quilômetros de distância. O Rio de Janeiro tem de exportá-lo para a Baixada Fluminense. Curitiba esgotou o seu aterro, como muitas outras capitais.

Mas há boas notícias também. Uma delas foi anunciada pelo próprio ministro do Meio Ambiente: vai criar um programa de remuneração para os catadores de lixo no Brasil, que já são cerca de 1 milhão. É graças aos catadores que não temos uma situação ainda mais grave no País, já que são eles que encaminham para a reciclagem em empresas (em usinas públicas a porcentagem é insignificante) cerca de um terço do papel e papelão descartado, uns 20% do vidro, talvez outro tanto de plásticos e a quase totalidade das latas de bebidas.

Mas é preciso avançar mais: implantar coleta seletiva em toda parte, encarregar cooperativas de reciclagem de recolher os resíduos já separados, construir usinas de triagem operadas e administradas por elas, onde se pode reciclar cerca de 80% do lixo recolhido - transformando todo o lixo orgânico em composto para uso na jardinagem, contenção de encostas, etc.; todo o papel e papelão, em telhas revestidas de betume, capazes de substituir as de amianto com muitas vantagens; transformando todo o plástico PVC em pellets (para serem utilizados como matéria-prima) ou em mangueiras pretas; moendo o vidro e vendendo-o a recicladoras, assim como latas de alumínio e outros metais. Por esses caminhos se consegue reduzir para 20% o lixo destinado ao aterro. Gerando trabalho e renda para um contingente hoje sem nenhuma proteção.

Outra boa notícia (Estado, 2/10) é a de que a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e a Cetesb concluíram a vistoria dos últimos 48 lixões em território paulista. Para 18 deles já há soluções apresentadas pelas prefeituras. Outros 22 apresentarão suas soluções ainda este mês e 7 já estão em processo de interdição; 13 lixões foram fechados nos últimos dois anos. É uma contribuição importante, já que quase metade do lixo domiciliar e comercial no País continua indo para lixões a céu aberto.

Não será fácil equacionar a questão. Segundo estudo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), implantar um aterro capaz de receber 2 mil

toneladas diárias de resíduos custa em média R$ 525,8 milhões; de médio porte, para 800 toneladas/dia, R$ 236,5 milhões; e de pequeno porte, para 100 toneladas/dia, R$ 52,4 milhões (Estado, 7/9). Quantas prefeituras têm capacidade financeira para esse investimento, lembrando que a produção média de lixo por pessoa no País já está acima de um quilo por dia? Não por acaso, o mercado da limpeza urbana, segundo estudo da Unesp, está em R$ 17 bilhões anuais. Mas não bastasse tanto lixo, ainda importamos desde janeiro de 2008 mais de 220 mil toneladas de lixo, pagando R$ 257,9 milhões, para ser reciclado e reutilizado em vários setores industriais (Estado, 26/7).

E há outros problemas. Diz, por exemplo, o noticiário deste jornal (16/8) que a Cetesb identificou 19 áreas contaminadas por lixo tóxico só no Bairro da Mooca, que ocupam 300 mil metros quadrados - herança de seu passado industrial. Será preciso descontaminar essas áreas, com altos custos. E encontrar depósitos para o lixo perigoso.

Talvez num deles se possa depositar também o altamente perigoso lixo político que está invadindo nossa vida pública e poderá ter consequências funestas. Pode-se começar lembrando as declarações do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, segundo quem "forças demoníacas" têm criado obstáculos ao licenciamento ambiental da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu (Estado, 30/9). A referência era a ONGs, como o Conselho Indigenista Missionário, e vários outros movimentos sociais, além do Ministério Público Federal, que criticam o projeto. Mas atinge também estudos de universidades que têm demonstrado a precariedade das avaliações sobre consequências ambientais, sociais, políticas e econômicas daquela usina e pedido novos estudos, inclusive sobre o custo da implantação, ora estimado em R$ 9 bilhões, ora em R$ 30 bilhões. Sem argumentos, o ministro prefere demonizar os críticos - um caminho perigoso, porque o passo seguinte seria exorcizá-los, talvez bani-los da vida pública - ou coisa pior.

Na mesma linha, as afirmações do governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli, de que o ministro do Meio Ambiente é "maconheiro" e "homossexual" e que gostaria de "estuprá-lo em praça pública"(!). E, para completar, o presidente do PSC, Vitor Nósseis (O

Popular, 3/10), que, para explicar a migração de políticos para outros partidos, comparou-a a "uma relação entre marido e mulher": "Se o dinheiro sai pela porta, a mulher sai pela janela."

Como se pode avançar na política com tanto lixo?

Disponível em <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/lixo/washingtonnovaes- residuos-solidos-aterros-brasil-504843.shtml>. Acesso em 06 mar 2010.

Assinale a alternativa que apresenta uma palavra que sofreu alteração após o Novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa.

a) Consequências.

b) Contingente.

c) Descontaminar.

d) Matéria-prima.

e) Transformando.

Comentário:

O novo acordo ortográfico determinou que a abolição do trema de todas as palavras portuguesas e aportuguesadas. Apenas deverá ser utilizado em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros, como mülleriano (de Müller) e hübneriano (de Hübner).

Portanto, a única palavra que sofreu alteração foi "consequências". As palavras das outras alternativas não sofreram mudança.

GABARITO: A

Crase

Questão 06

AOCP - Cadete (PM TO)/2018

LIVRO II

1 . Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira, por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação da palavra (hábito). Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza. Por exemplo, à pedra, que por natureza se move para baixo, não se pode imprimir o hábito de ir para cima, ainda que tentemos adestrá-la jogando-a dez mil vezes no ar; nem se pode habituar o fogo a dirigir-se para baixo, nem qualquer coisa que por natureza se comporte de certa maneira a comportar-se de outra.

Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito. Por outro lado, de todas as coisas que nos vêm por natureza, primeiro adquirimos a potência e mais tarde exteriorizamos os atos. Isso é evidente no caso dos sentidos, pois não foi por ver ou ouvir frequentemente que adquirimos a visão e a audição, mas, pelo contrário, nós as possuíamos antes de usá-las, e não entramos na posse delas pelo uso. Com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo (...); por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc.

Isto é confirmado pelo que acontece nos Estados: os legisladores tornam bons os cidadãos por meio de hábitos que lhes incutem. Esse é o propósito de todo legislador, e quem não logra tal desiderato falha no desempenho da sua missão. Nisso, precisamente, reside a diferença entre as boas e as más constituições. Ainda mais: é das mesmas causas e pelos mesmos meios que se gera e se destrói toda virtude, assim como toda arte: de tocar a lira surgem os bons e os maus músicos.

Isso também vale para os arquitetos e todos os demais; construindo bem, tornam-se bons arquitetos; construindo mal, maus. Se não fosse assim não haveria necessidade de mestres, e todos os homens teriam nascido bons ou maus em seu ofício.

Isso, pois, é o que também ocorre com as virtudes: pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites e da emoção da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis, portando-se de um modo ou de outro em igualdade de circunstâncias. Numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos, porquanto da sua diferença se pode aquilatar a diferença de caracteres. E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela maneira. Tem, pelo contrário, imensa importância, ou melhor: tudo depende disso.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco: tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross (Os pensadores). 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p.29-30.

Assinale a alternativa em que se justifica corretamente o uso do acento grave na seguinte frase:

"Por exemplo, à pedra, que por natureza se move para baixo, não se pode imprimir o hábito de ir para cima [...]"

a) A crase ocorre para atender a regência do verbo 'ir' que, no período, exige um complemento adverbial preposicionado.

b) A crase ocorre para atender a regência do verbo 'imprimir' que, no período, exige um objeto indireto como complemento.

c) A crase ocorre para atender a regência do verbo 'mover' que, no período, exige um objeto indireto como complemento.

d) A crase ocorre por introduzir um adjunto adverbial feminino.

e) A crase ocorre por constituir uma locução prepositiva feminina.

Comentário:

Lembrando: Crase é a união do A preposição com o A artigo definido.

Vejamos as alternativas:

A- A crase ocorre para atender a regência do verbo 'ir' que, no período, exige um complemento adverbial preposicionado.

Incorreta - O verbo "ir" tem como complemento "para cima".

B- A crase ocorre para atender a regência do verbo 'imprimir' que, no período, exige um objeto indireto como complemento.

Correta- o verbo "imprimir", nesse contexto, exige um complemento direto (o hábito de ir para cima) e um indireto (à pedra). Como o verbo exige a preposição A e pedra é uma palavra feminina que aceita o artigo feminino A, acorreu a crase.

C- A crase ocorre para atender a regência do verbo 'mover' que, no período, exige um objeto indireto como complemento.

Incorreta - O verbo "mover-se" não é transitivo indireto, logo não há objeto indireto.

D- A crase ocorre por introduzir um adjunto adverbial feminino.

Incorreta - As locuções adverbiais femininas recebem acento, o que não é o caso da expressão "à pedra" que exerce a função de objeto indireto.

E- A crase ocorre por constituir uma locução prepositiva feminina.

Incorreta - As locuções prepositivas femininas recebem acento, mas "à pedra" não apresenta essa função.

GABARITO: B

Crase

Questão 07

AOCP - Professor (Pref Feira de Santana)/Arte/2018

Uma nova e preocupante evasão escolar

Camila Brandalise

A decisão de parar de estudar da auxiliar de limpeza Regina de Jesus Araújo, hoje, com 24 anos, deu-se por motivos econômicos. Há seis

anos, quando ela morava com os pais, considerava ter uma estrutura de vida precária e preferiu se dedicar ao trabalho para conseguir se sustentar. Conciliar os estudos, naquela época, com 18 anos, não era viável. "Não tive incentivo nenhum para continuar na escola." Hoje, mora sozinha e arca com as próprias contas. Para ter mais oportunidades profissionais, porém, percebeu que era preciso concluir a formação. E foi isso o que ela fez. Neste ano, cursa orgulhosa o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola pública de São Paulo. "Quero ir para o ensino técnico. Gostaria de ser recepcionista porque gosto de trabalhar diretamente com as pessoas", diz. É a tentativa de Regina para escapar de uma triste estatística, divulgada recentemente pelo Banco Mundial: 52% dos jovens brasileiros com idade entre 19 e 25 anos perderam o interesse pela escola e, por isso, correm o risco de ficar fora do mercado de trabalho. Parte dessa população simplesmente parou de estudar por necessidade financeira, como Regina havia feito, parte não consegue levar o colégio com o comprometimento que isso exige porque é obrigada a conciliar a atividade com trabalho informal, e um terceiro grupo encontra-se atrasado em relação à série adequada à idade. Abandonar a escola para ajudar no sustento da família não é novidade. O que preocupa nos dados do relatório do Banco

Mundial é que a falta de interesse pelos estudos avança para camadas sociais em que a necessidade de gerar renda não é a maior pressão. Um em cada três brasileiros de 19 anos está hoje fora da escola.

O documento aponta outro dado alarmante: a falta de participação dos jovens na construção da economia vinha diminuindo desde 2004, mas, há quatro anos, a tendência sofreu uma reversão. Isso ocorreu principalmente por causa do aumento de pessoas que não estão nem estudando nem trabalhando (os chamados "nemnem") e de jovens que estão desempregados ou em trabalhos informais. A justificativa imediata para o retrato tem a ver com o momento econômico atual do País, de crise financeira, desemprego e informalidade no trabalho. No entanto, há questões mais complexas por trás da situação.

Segundo consenso entre educadores, é possível manter os jovens em sua formação escolar independentemente da condição econômica da nação. Para isso, o sistema educacional precisa mudar. É necessário que o currículo se modernize o suficiente para despertar e manter o interesse dos jovens contemporâneos.

Eixo estratégico

Há pelo país iniciativas que contemplam novos modelos. Sob a coordenação do Instituto Ayrton Senna, por exemplo, quinze escolas públicas de Santa Catarina adotaram mudanças importantes. "Estabelecemos um projeto de educação em tempo integral", conta Ramos. Depois de um ano, a instituição comparou a taxa de abandono nesses colégios com as apresentadas por escolas do mesmo perfil socioeconômico. "O índice foi 50% menor", informa o especialista.

A educação integral é uma das alternativas para envolver alunos, motivá-los a pesquisar e incitar a curiosidade, tornando o ensino atraente ao mesmo tempo em que desenvolve o potencial dos jovens. Nesse modelo, há ainda uma ênfase no desenvolvimento das chamadas competências socio emocionais, que trabalham habilidades fora da cartilha tradicional de ensino, como resiliência, empatia e liderança.

Disponível em: <https://istoe.com.br/uma-nova-e-preocupante-evasao- escolar/>. Acesso em: 26 jul. 2018.

No período "A educação integral é uma das alternativas para envolver alunos, motivá-los a pesquisar [...]", será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, caso a palavra em destaque seja substituída por

a) estudo.

b) estudos.

c) estudar.

d) pesquisas.

e) pesquisa.

Comentário:

A- Estudo.

Incorreta- A palavra estudo é masculina e nunca ocorre crase antes de palavras masculinas.

B- Estudos.

Incorreta - Palavra masculina a no plural - crase proibida.

C- Estudar.

Incorreta - Estudar é verbo e não ocorre crase antes de verbo.

D- Pesquisas.

Incorreta- Quando um a (sem o s de plural) vem antes de um nome plural, não há crase.

E- Pesquisa.

Correta- Pesquisa é uma palavra feminina (singular) e aceita o artigo definido A, logo, a crase passa a ser obrigatória.

GABARITO: E

Crase

Questão 08

AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I/2016 (e mais 9 concursos)

Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouço frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. "Voltei para continuar pintando, porque lá em casa não dava pé." E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/ 2016/02/1741258-consideracoes-sobre-a-loucura.shtml)

Em "...isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos...", o uso da crase ocorreu devido à regência do verbo, que requereu a preposição "a", somado ao artigo definido "a" que acompanhou o substantivo "invenção". Assinale a alternativa em que deve ocorrer o acento indicativo de crase no termo destacado pela mesma razão apresentada.

a) As vezes precisamos descansar para estudar mais.

b) A medida que foi calculada durante o projeto não foi suficiente.

c) Eles se referiam a ela como se a conhecessem.

d) Os meninos pediram a minha mãe que trouxesse uma bola nova.

e) Não obedeço a coordenadora de área desta instituição.

A- As vezes precisamos descansar para estudar mais.

Incorreta- A crase é obrigatória, pois a expressão "às vezes" é uma locução adverbial feminina.

B- A medida que foi calculada durante o projeto não foi suficiente.

Incorreta- A crase deve ser usada na expressão "à medida que", pois uma locução conjuntiva feminina.

C- Eles se referiam a ela como se a conhecessem.

Incorreta - Não há crase antes do pronome pessoal " Ela".

D- Os meninos pediram a minha mãe que trouxesse uma bola nova.

Incorreta - A crase é facultativa antes de pronome possessivo.

E- Não obedeço a coordenadora de área desta instituição.

Correta - O verbo obedecer é transitivo indireto e rege a preposição "a"; e "coordenadora" é uma palavra feminina que aceita o artigo A, gerando o fenômeno da crase.

GABARITO: E

Crase

Questão 09

AOCP - Agente (Pref JF)/Transporte e Trânsito I/2016 (e mais 9 concursos)

Considerações sobre a loucura

Ferreira Gullar

Ouço frequentemente pessoas opinarem sobre tratamento psiquiátrico sem na verdade conhecerem o problema. É bacana ser contra internação. Por isso mesmo traçam um retrato equivocado de como os pacientes eram tratados no passado em manicômios infernais por médicos que só pensavam em torturá-los com choques elétricos, camisas de força e metê-los em solitárias.

Por isso mesmo exaltam o movimento antimanicomial, que se opõe à internação dos doentes mentais. Segundo eles, os pacientes são metidos em hospitais psiquiátricos porque a família quer se ver livre deles. Só pode fazer tal afirmação quem nunca teve que conviver com um doente mental e, por isso, ignora o tormento que tal situação pode implicar.

Nada mais doloroso para uma mãe ou um pai do que ter de admitir que seu filho é esquizofrênico e ser, por isso, obrigado a interná-lo. Há certamente pais que se negam a fazê-lo, mas ao custo de ser por ele agredido ou vê-lo por fim à própria vida, jogando-se da janela do apartamento.

Como aquelas pessoas não enfrentam tais situações, inventam que os hospitais psiquiátricos, ainda hoje, são locais de tortura. Ignoram que as clínicas atuais, em sua maioria, graças aos remédios neuroléticos, nada têm dos manicômios do passado.

Recentemente, num desses programas de televisão, ouvi pessoas afirmarem que o verdadeiro tratamento psiquiátrico foi inventado pela médica Nise da Silveira, que curava os doentes com atividades artísticas. Trata-se de um equívoco. A terapia ocupacional, artística ou não, jamais curou algum doente.

Trata-se, graças a Nise, de uma ocupação que lhe dá prazer e, por mantê-lo ocupado, alivia-lhe as tensões psíquicas. Quando o doente é, apesar de louco, um artista talentoso, como Emygdio de Barros ou Arthur Bispo do Rosário, realiza-se artisticamente e encontra assim um modo de ser feliz.

Graças à atividade dos internados no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, no Estado do Rio, criou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, que muito contribuiu para o reconhecimento do valor estético dos artistas doentes mentais. Mas é bom entender que não é a loucura que torna alguém artista; de fato, ele é artístico apesar de louco.

Tanto isso é verdade que, das dezenas de pacientes que trabalharam no ateliê do Centro Psiquiátrico, apenas quatro ou cinco criaram obras de arte. Deve-se reconhecer, também, que conforme a personalidade de cada um seu estado mental compõe a expressão estética que produz.

No tal programa de TV, alguém afirmou que, graças a Nise da Silveira, o tratamento psiquiátrico tornou-se o que é hoje. Não é verdade, isso se deve à invenção dos remédios neurolépticos que possibilitam o controle do surto psíquico.

É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte. Superada a crise, o paciente volta para casa e continua tomando as doses necessárias à manutenção da estabilidade mental.

Não pretendo com esses argumentos diminuir a extraordinária contribuição dada pela médica Nise da Silveira ao tratamento dos doentes mentais no Brasil. Fui amigo dela e acompanhei de perto, juntamente com Mário Pedrosa, o seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional.

Uma das qualidades dela era o seu afeto pelas pessoas e particularmente pelo doente mental. Eis um exemplo: como o Natal se aproximava, ela perguntou aos pacientes o que queriam de presente. Emygdio respondeu: um guarda-chuva.

Como dentro do hospital naturalmente não chovia, ela concluiu que ele queria ir embora para casa. E era. Ela providenciou para que levasse consigo tinta e tela, a fim de que não parasse de pintar.

Ele se foi, mas, passado algum tempo, alguém toca a campainha do gabinete da médica. Ela abre a porta, era o Emygdio, de paletó, gravata e maleta na mão. "Voltei para continuar pintando, porque lá em casa não dava pé." E ficou pintando ali até completar 80 anos, quando, por lei, teve que deixar o hospital e ir para um abrigo de idosos, onde morreu anos depois.

(Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/ 2016/02/1741258-considacoes-sobre-a-loucura.shtml)

"É também graças a essa medicação que as internações se tornaram menos frequentes e, quando necessárias, duram pouco tempo – o tempo necessário ao controle do surto por medicação mais forte." O "a" empregado após a palavra "graças" deveria receber acento indicativo de crase caso a expressão destacada fosse substituída por

a) produção desses medicamentos.

b) tal fármaco.

c) remédios para doentes mentais.

d) esta droga.

e) iniciativas como a de Nise.

Comentário:

Segundo a gramática da língua portuguesa, a crase indica a contração de duas vogais idênticas, mais precisamente, a fusão da preposição a com o artigo feminino a e com o a do início de pronomes. Essa função é indicada a partir do acento grave, também chamado de acento indicador de crase.

No trecho destacado, não há crase porque demonstrativo "essa" não admite o artigo definido feminino "a".

A- produção desses medicamentos.

Correta – A palavra "produção" é feminina e aceita o artigo, portanto ocorreria o fenômeno da crase.

B- tal fármaco.

Incorreta- A palavra "tal" não admite o artigo feminino.

C- Remédios para doentes mentais.

Incorreta - Não há crase antes de palavras masculinas.

D- Esta droga.

Incorreta – o pronome "esta" não admite artigo feminino.

E- Iniciativas como a de Nise.

Incorreta- Não há crase antes de "iniciativas" porque não há crase antes de palavras no plural. Somente se a preposição também estiver no plural.

GABARITO: A

Crase

Questão 10

AOCP - Técnico Judiciário (TRE AC)/Administrativa/2015

Leia o texto e responda a questão.

Exemplo de cidadania: eleitores acima de 70 anos

fazem questão de votar

Eleitores com mais de 70 anos foram,

espontaneamente, às urnas para ajudar a escolher

seus representantes

Luh Coelho

Exemplo de cidadania é o caso de pessoas como o aposentado Irineu Montanaro, de 75 anos. Ele diz que vota desde os 18, quando ainda era jovem e morava em Minas Gerais, sua terra natal, e que, mesmo sem a obrigatoriedade do voto, vai até as urnas em todas as eleições. "É uma maneira de expressar a vontade que a gente tem. Acho que um voto pode fazer a diferença", diz.

Eles questionam a falta de propostas específicas de todos os candidatos para pessoas da terceira idade e acreditam que um voto consciente agora pode influenciar futuramente na vida de seus filhos e netos.

O idoso afirma que sempre incentivou sua família a votar. E o maior exemplo vinha de dentro da própria casa. Mesmo que nenhum de seus familiares tenha se aventurado na vida política, todos de sua prole veem na vida pública uma forma de mudar os rumos do país.

Fonte: http://www.vilhenanoticias.com.br/materias/news popljp. php?id"16273. Texto adaptado.

Em "Eleitores com mais de 70 anos foram, espontaneamente, às urnas para ajudar a escolher seus representantes" , a crase

a) foi empregada para atender à regência do verbo " ir" , o qual tem como complemento uma palavra pertencente ao gênero feminino.

b) foi empregada para atender à regência de "espontaneamente" , que tem como complemento nominal uma palavra do gênero feminino.

c) foi empregada para atender à regência do verbo posposto "ajudar".

d) foi empregada inadequadamente.

e) é facultativa.

A - foi empregada para atender à regência do verbo " ir" , o qual tem como complemento uma palavra pertencente ao gênero feminino.

Correta – O verbo ir rege a preposição A e a palavra urnas é uma palavra feminina que aceita o artigo. Portanto, a afirmação está certa.

B- foi empregada para atender à regência de "espontaneamente" , que tem como complemento nominal uma palavra do gênero feminino.

Incorreta- a crase foi empregada para atender à regência do verbo "ir" e não "espontaneamente" .

C- foi empregada para atender à regência do verbo posposto "ajudar".

Incorreta- o verbo ajudar tem como complemento "a escolher" e não tem nada a ver com a crase antes de urnas.

D- foi empregada inadequadamente.

Incorreta – O emprego da crase está correto, pois há a junção do A preposição +A artigo definido.

E- é facultativa.

Incorreta – A crase não é facultativa, ela é obrigatória.

GABARITO: A

9 - Revisão Estratégica

A ideia do questionário é elevar o nível da sua compreensão no assunto e, ao mesmo tempo, proporcionar uma outra forma de revisão de pontos importantes do conteúdo, a partir de perguntas que exigem respostas subjetivas.

São questões um pouco mais desafiadoras, porque a redação de seu enunciado não ajuda na sua resolução, como ocorre nas clássicas questões objetivas.

O objetivo é que você realize uma autoexplicação mental de alguns pontos do conteúdo, para consolidar melhor o que aprendeu ;)

Além disso, as questões objetivas, em regra, abordam pontos isolados de um dado assunto. Assim, ao resolver várias questões objetivas, o candidato acaba memorizando pontos isolados do conteúdo, mas muitas vezes acaba não entendendo como esses pontos se conectam.

Assim, no questionário, buscaremos trazer também situações que ajudem você a conectar melhor os diversos pontos do conteúdo, na medida do possível.

É importante frisar que não estamos adentrando em um nível de profundidade maior que o exigido na sua prova, mas apenas permitindo que você compreenda melhor o assunto de modo a facilitar a resolução de questões objetivas típicas de concursos, ok?

Nosso compromisso é proporcionar a você uma revisão de alto nível!

Vamos ao nosso questionário:

9.1 - Perguntas

1. Quais aspectos da ortografia o Novo Acordo alterou?

2. Quando o prefixo de uma palavra termina com vogal, qual é o uso do hífen?

3. Quando o prefixo de uma palavra termina com consoante, qual é o uso do hífen?

4. Quando ocorre a duplicação das consoantes "r" e "s"?

5. Explique o uso dos "porquês".

6. O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento diferencial?

7. Como fica a acentuação dos ditongos abertos éi e ói dos vocábulos paroxítonos.

8. Quando as paroxítonas são acentuadas?

9. Quais são os casos de crase facultativa/opcional?

10. Quando é proibido o uso da crase?

9.2 - Perguntas com respostas

1. Quais aspectos da ortografia o Novo Acordo alterou?

O Novo Acordo Ortográfico alterou o alfabeto, o trema (aboliu), o uso do hífen, a acentuação e o uso das letras maiúsculas e minúsculas.

2. Quando o prefixo de uma palavra termina com vogal, qual é o uso do hífen?

Segundo o Novo Acordo Ortográfico:

Prefixo terminado em vogal	**Sem Hífen diante de vogal diferente (autoestima, autoescola, antiaério)**
	Sem Hífen diante de **Consoante diferente** de **r** e **s** (autodefesa, anteprojeto, semicírculo)
	Sem Hífen diante de **r** e **s** (**dobram-se essas leras**) (autorretrato, antirracismo, antissocial)
	Com Hífen diante de **mesma vogal** (arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ondas)

3. Quando o prefixo de uma palavra termina com consoante, qual é o uso do hífen?

Segundo o Novo Acordo Ortográfico:

Prefixo terminado em consoante	**Sem Hífen** diante de **vogal** (interestadual, superinteressante)
	Sem hífen diante de **consoante diferente** (intertextual, intermunicipal, supersônico)
	Com Hífen diante de **mesma consoante** (Sub-base, inter-regional, sob-bibliotecária)

4. Quando ocorre a duplicação das consoantes "r" e "s"?

Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se as letras. Exemplos: sociorreligioso, antirrábico, antirracismo, antirreligioso, antirrugas,

antissocial, biorritmo, contrarregra, contrassenso, cosseno, infrasson, microssistema, minissaia, multissecular, neorrealismo, neossimbolista, semirreta, ultrarresistente, ultrasson.

5. Explique o uso dos "porquês".

A forma **por que** é a sequência de uma **preposição** (por) e um **pronome interrogativo** (que). Equivale a "por qual razão", "por qual motivo". Há situações nas quais **por que** representa a sequência **preposição + pronome relativo**, equivalendo a *"pelo qual" (*ou alguma de suas flexões *pela qual, pelos quais, pelas quais).*

A forma **por quê** é empregada ao final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências. A sequência deve ser grafada **por quê,** pois, devido à posição na frase, o monossílabo *"que*" passa a ser **tônico**.

A forma **porque** é uma **conjunção**, equivalendo a *pois, já que, uma vez que, porquanto, como.* Costuma ser utilizado em respostas, para explicação ou causa.

A forma **porquê** representa um **substantivo**. Significa "causa", "razão", "motivo" e, normalmente, surge acompanhado de palavra determinante (artigo, por exemplo).

6. O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento diferencial?

Não se diferenciam mais os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera. No entanto, permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição. Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

É facultado o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras **dêmos** (do verbo no subjuntivo que nós dêmos) de **demos** (do passado nós demos); **fôrma** (substantivo) de **forma** (verbo).

Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos **paroxítonos**. Permanece o acento agudo nos **monossílabos tônicos** e **oxítonos** terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, chapéu, chapéus.

7. Como fica a acentuação dos ditongos abertos éi e ói dos vocábulos paroxítonos?

Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos **paroxítonos**. Permanece o acento agudo nos **monossílabos tônicos** e **oxítonos** terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, chapéu, chapéus.

8. Quando as paroxítonas são acentuadas?

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

- **i(s)**: júri, lápis, táxi(s), tênis;
- **us**: vênus, vírus, bônus;
- **r**: caráter, revólver, éter, açúcar;
- **l**: útil, amável, nível, têxtil;
- **x**: tórax, fênix, ônix;
- **n**: éden, hífen (no plural é sem acento: edens, hifens);
- **um, uns**: álbum, álbuns, médium, médiuns;
- **ão(s)**: órgão, órfão, órgãos, órfãos;
- **ã(s)**: órfã, órfãs;
- **ps**: bíceps, tríceps, fórceps;
- **om, on(s): iâmdom, rádon, rádons**, nêutron, elétrons.

9. Quais são os casos de crase facultativa/opcional?

A crase é facultativa/opcional quando antes de pronomes possessivos, antes de substantivos femininos próprios e depois da palavra "até".

10. Quando é proibido o uso da crase?

Não usamos crase antes de palavra masculina, diante de substantivos femininos indeterminados, diante de verbos e em locuções formadas com a repetição da mesma palavra.

Pessoal, chegamos ao final desta aula. Façam uma boa revisão dos conceitos vistos hoje para gabaritarem as provas de Língua Portuguesa.

Na próxima aula, continuaremos avançando gradativamente, de modo a visitar cada tópico cobrado pela banca examinadora. Estejam atentos aos **percentuais estatísticos** de cobrança para direcionarem seus estudos, ok?

Forte abraço!

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. 

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. 

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. 

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. 

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. 

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. 

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. 

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. 

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.